

2. MORFOLOGIA

2. MORFOLOGIA

A tabela 2.I mostra a evolução do *número de alunos matriculados* segundo o nível de educação/ensino e o ciclo de estudos, ao longo de todo o período em análise.

**TABELA 2.I - ALUNOS MATRICULADOS, SEGUNDO O NÍVEL DE EDUCAÇÃO/ENSINO E O CICLO DE ESTUDOS, POR ANO LECTIVO
dados nacionais**

	Total	Pré-Escolar	Básico				Secundário	CET ⁽¹⁾	Médio	Superior
			Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo				
1985/86	2 103 398	128 089	1 639 405	874 262	388 994	376 149	221 951	--	7 737	106 216
1986/87	2 111 013	137 869	1 606 932	839 229	395 064	372 639	243 028	--	6 056	117 128
1987/88	2 135 474	148 348	1 583 661	791 418	394 536	397 707	276 405	--	3 553	123 507
1988/89	2 123 589	155 857	1 555 573	753 649	372 450	429 474	276 222	--	--	135 937
1989/90	2 162 693	161 629	1 531 114	715 881	370 607	444 626	309 568	--	--	160 382
1990/91	2 190 912	171 552	1 484 256	669 525	356 420	458 311	347 911	--	--	187 193
1991/92	2 306 691	176 822	1 509 182	658 305	354 631	496 246	401 263	--	--	219 424
1992/93	2 284 408	179 135	1 441 889	613 697	339 244	488 948	415 861	--	--	247 523
1993/94	2 327 956	183 298	1 429 824	586 034	343 437	500 353	438 300	--	--	276 534
1994/95	2 351 304	185 088	1 408 449	580 483	321 492	506 474	457 194	--	--	300 573
1995/96	2 327 518	191 023	1 339 749	552 724	315 209	471 816	477 221	--	--	319 525
1996/97	2 315 295	200 490	1 305 723	538 122	304 387	463 214	458 232	--	--	350 850
1997/98	2 294 387	215 279	1 276 376	535 112	285 088	456 176	442 783	--	--	359 949
1998/99	2 258 043	220 775	1 259 473	538 273	281 101	440 099	421 005	--	--	356 790
1999/00	2 260 745	228 459	1 240 836	539 943	276 529	424 364	417 705	--	--	373 745
2000/01	2 260 212	235 610	1 223 151	535 580	271 793	415 778	413 748	--	--	387 703
2001/02	2 228 352	241 288	1 192 931	520 211	270 825	401 895	397 532	--	--	396 601
2002/03	2 208 991	247 521	1 174 412	508 472	274 169	391 771	385 589	638	--	400 831
2003/04	2 198 954	253 635	1 166 277	506 121	274 123	386 033	382 212	1 767	--	395 063
2004/05	2 172 853	259 788	1 153 057	504 412	267 742	380 903	376 896	2 175	--	380 937
2005/06 ⁽²⁾	2 138 619	262 527	1 162 203	511 296	260 379	390 528	344 458	2 119	--	367 312

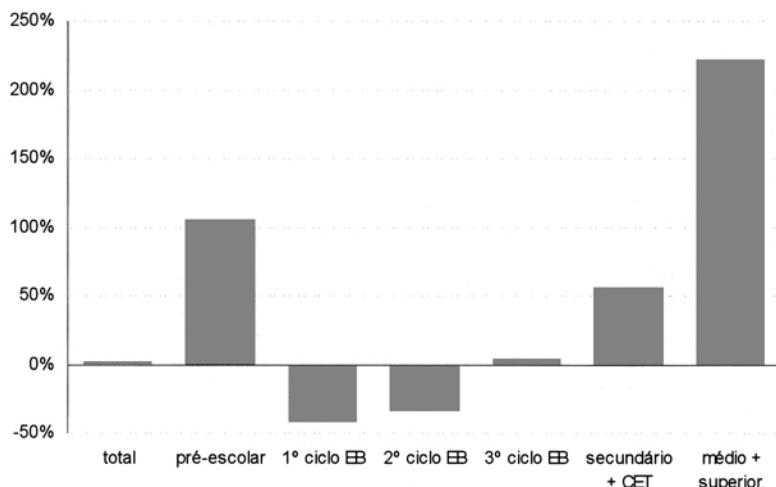
Fonte: GIASE (2006a)

(1) Cursos de Especialização Tecnológica (2) - Dados preliminares; Ensino Recorrente dos 1º e 2º ciclos - valores estimados

Nos dois decénios observados, a população discente do conjunto do sistema cresceu 3 por cento. Este parco crescimento foi, contudo, o produto de movimentos contraditórios, e de amplitude e cronologia diversas, entre

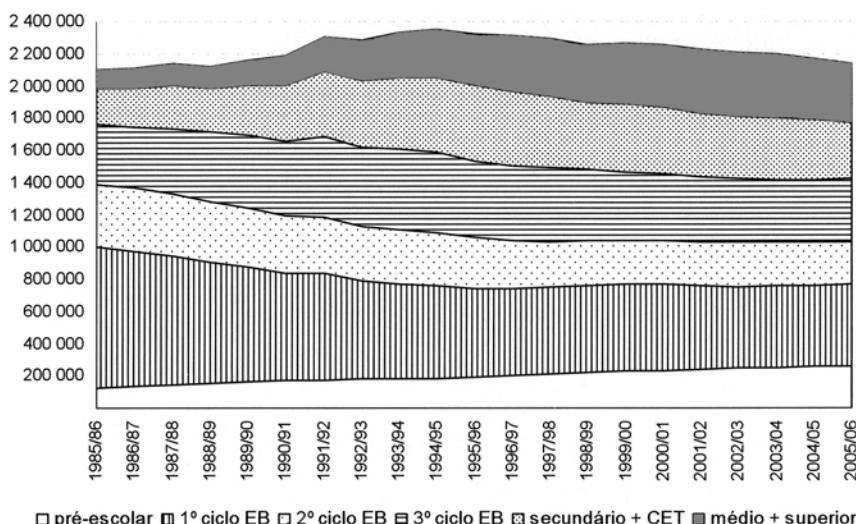
os diferentes níveis de educação/ensino. O gráfico 2.1 mostra a variação percentual por nível de educação/ensino e ciclo de estudos, entre os anos extremos. Para efeito de tratamento dos dados, optámos por agrregar os números das curtas séries dos Cursos de Especialização Tecnológica aos do Ensino Secundário, e do Ensino Médio ao Ensino Superior.

Gráfico 2.1
Variação percentual do número de alunos matriculados segundo o nível de educação
totais nacionais, 1985/86-2005/06



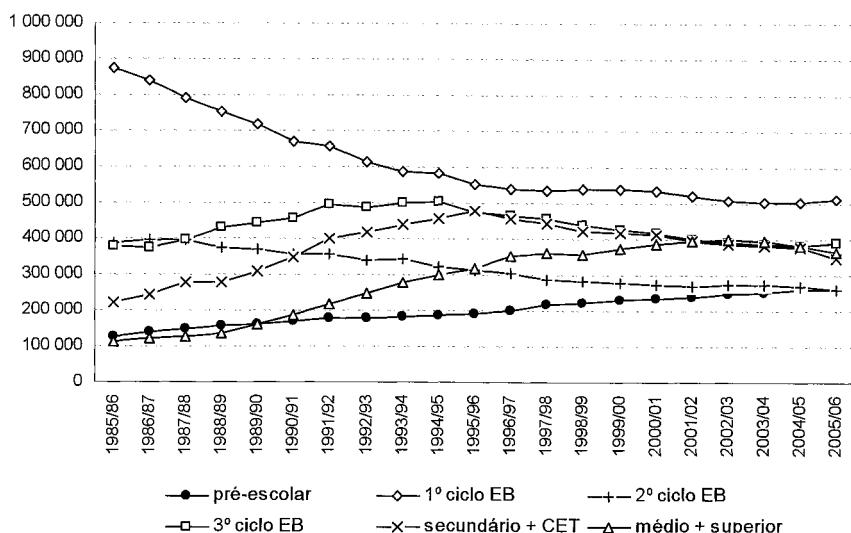
Enquanto o número de alunos a frequentar a Educação Pré-escolar mais do que duplicou (variação de 105 por cento) e o de alunos do Ensino Superior mais do que triplicou (variação de 238 por cento, contando com o Ensino Médio na fase inicial da série), o Ensino Secundário aumentou em 52 por cento e o Ensino Básico diminuiu, no seu conjunto, 29 por cento. Dentro deste último, o recuo foi tanto maior quanto mais baixo o ciclo e, consequentemente, mais jovem a população-tipo da sua frequência. Verificaram-se decréscimos de 42 por cento no 1º ciclo, de 33 por cento no 2º ciclo, e apenas o 3º ciclo cresceu um pouco, cerca de 4 por cento.

Gráfico 2.2
Alunos matriculados segundo o nível de educação
totais nacionais, 1985/86-2005/06



O gráfico 2.2 dá-nos uma visão mais fina da variação total do volume do sistema ao longo do período, desagregada por níveis e ciclos. No seu conjunto, cresceu até 1994/95, embora o 1º e o 2º ciclos do Ensino Básico se encontrassem já em acentuado declínio, até aí compensado pelo aumento de todos os outros níveis. O ano de 1995/96 marcou o início da viragem, quando o 3º ciclo do Ensino Básico, em crescimento já atenuado desde 1991/92, inverteu por sua vez a tendência e começou a perder alunos de modo irreversível. Um ano depois, em 1996/97, foi a vez de o Ensino Secundário virar para a baixa, na sequência de uma desaceleração de crescimento desde havia 5 anos. O Ensino Superior, em desaceleração desde 1996/97, manteve ainda o crescimento até 2002/2003, inflectindo finalmente nos últimos anos da série. Só a Educação Pré-escolar aumentou ininterruptamente durante todo o período. De 1995/96 a 2004/05, o sistema perdeu no seu todo mais de 212 mil alunos, 9 por cento, com quebras de 17 por cento no Ensino Básico e 25 por cento no Secundário, só em parte compensadas pelas subidas de 42 por cento na Educação Pré-escolar e de 22 por cento no Ensino Superior.

Gráfico 2.3
Alunos matriculados segundo o nível de educação
totais nacionais, 1985/86-2005/06



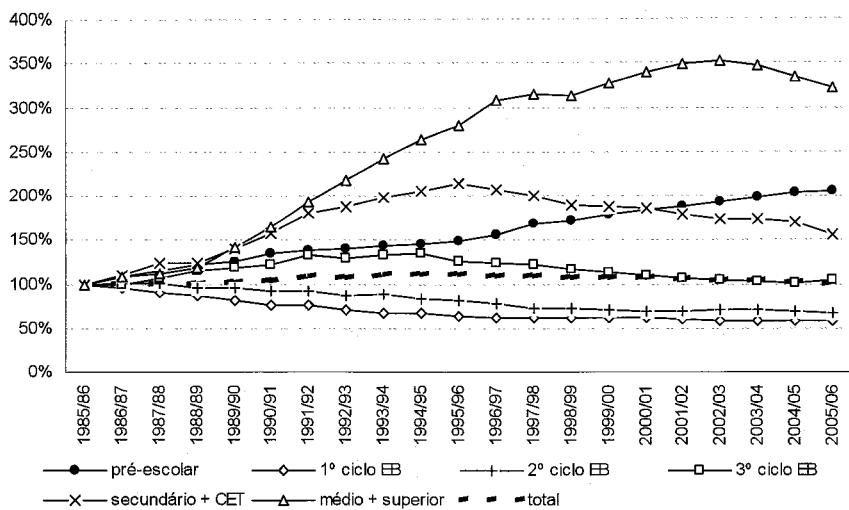
Os gráficos 2.3 e 2.4 mostram as variações não acumuladas dos efectivos discentes dos vários níveis de educação, respectivamente em valores absolutos e em valores indiciais reportados ao ano inicial da série, facilitando a visão das tendências que acabámos de traçar.

Dado o défice comparativo de formação escolar da população activa portuguesa, resulta preocupante notar que, depois do crescimento acelerado durante a primeira metade da década de 90, fruto dos baixos níveis de partida, a frequência dos níveis secundário e superior se tenha rapidamente *cansado* de crescer, ainda longe de esgotar os seus potenciais demográficos. Embora, à excepção do crescimento contínuo do número de crianças no nível pré-escolar devido à crescente infra-estruturação deste nível de educação, os restantes níveis reflectam as variações demográficas, como sugere a ordem de "entrada em cena" das respectivas inversões de crescimento, não se trata de um determinismo demográfico absoluto. Às inversões do crescimento demográfico a montante, somam-se os atritos e as perdas persistentes do próprio Sistema Educativo. É desde logo visível no gráfico 2.3 que as amplitudes entre as "cristas de onda" dos 1º e 2º ciclos,

por um lado, e do 3º ciclo do Ensino Básico, por outro, são maiores do que deixariam supor as durações dos mesmos ciclos (uma diferença muito subestimada, pois o 1º ciclo tinha já atingido o seu máximo em 1980/81, GIASE 2006a:29). Um alongamento temporal que terá tido a ver, quer com a lenta progressão do 3º ciclo como nível de escolaridade obrigatória, quer com o alongamento da permanência dos alunos nos ciclos devido a retenções, como teremos oportunidade de analisar adiante.

Por outro lado, é notória a redução das cristas de onda de cada ciclo relativamente às dos anteriores, denotando perdas intercíclicas de efectivos potenciais. Dadas as diferenças de duração dos ciclos, esta primeira impressão exige análise mais cuidada, controlando essa variável.

Gráfico 2.4
Índices de alunos matriculados segundo o nível de educação
totais nacionais, 1985/86-2005/06, 1985/86=100



Embora a comparação das cristas de onda dos sucessivos ciclos seja muito simplificadora, visto não ter em conta as diferenças de forma das curvas, permite ainda assim apreender algumas características estruturais da evolução morfológica do sistema. Partindo do pressuposto de que o máximo de alunos matriculados num ciclo constitui o potencial para o máximo de

alunos matriculados no ciclo seguinte, passados alguns anos, as diferenças entre os valores de crista, previamente ponderados pela duração dos ciclos,⁷ constituem uma aproximação ao grau de perda desse potencial (Tabela 2.II e Gráfico 2.5). Assumindo que os efeitos exógenos da mortalidade e da emigração nos valores agregados são negligenciáveis, as perdas podem ser, no essencial, imputadas ao próprio sistema e ao seu ambiente social, nomeadamente ao insucesso escolar e às condicionantes sociais da procura de ensino.

TABELA 2.II - DIFERENÇAS ENTRE OS NÚMEROS MÁXIMOS DE ALUNOS MATRICULADOS SEGUNDO O NÍVEL DE ENSINO E O CICLO DE ESTUDOS

Cristas dos níveis de ensino/ciclos de estudos		diferença 2º ciclo EB ⁽¹⁾		diferenças 3º ciclo EB ⁽¹⁾		diferenças Secundário ⁽¹⁾		diferenças Superior ⁽¹⁾	
Níveis/ciclos e anos de crista	N	N	rácio	N	rácio	N	rácio	N	rácio
1º ciclo EB 1985/86	874 262	- 84 134	- 0,10	- 198 963	- 0,23	- 237 967	- 0,27	- 473 431	- 0,54
2º ciclo EB 1986/87	395 064	--	--	- 57 415	- 0,15	- 76 917	- 0,20	- 194 649	- 0,49
3º ciclo EB 1994/95	506 474	--	--	--	--	- 29 253	- 0,06	- 205 851	- 0,41
Secundário 1995/96	477 221	--	--	--	--	--	--	- 176 598	- 0,37
Superior 2002/03	400 831	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Tabela 2.I

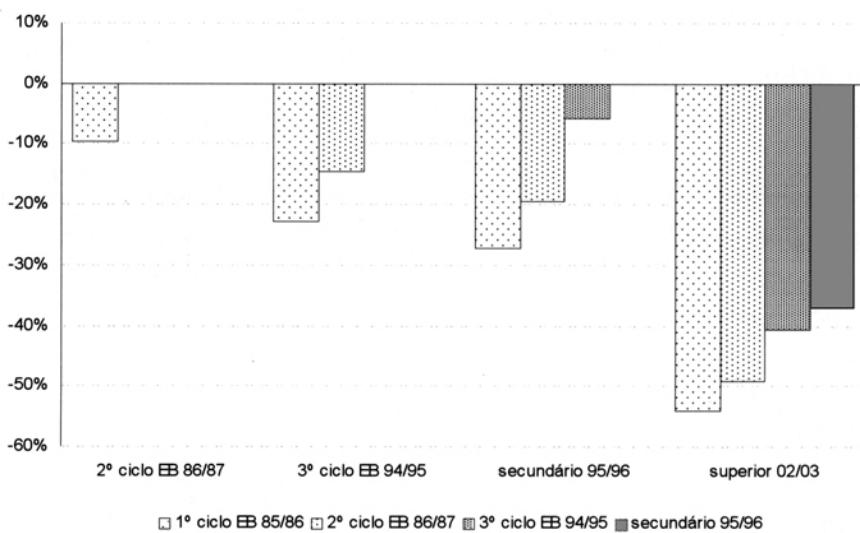
(1) Diferenças calculadas entre valores ponderados pelas diferenças de duração dos ciclos

Entre o potencial representado pelo máximo registado de alunos matriculados no 1º ciclo do Ensino Básico em 1985/86 e o máximo histórico de alunos efectivamente matriculados no Ensino Superior em 2003/04, houve uma redução de 54 por cento. Esse total resulta da acumulação de

⁷ Para esta ponderação, assumimos a duração de 4 anos para o Ensino Superior, partindo do princípio de que as durações mais longas (licenciaturas de 5 anos, prolongamento de estudos para mestrado) tenderão a compensar as mais curtas (bacharelatos), aproximando-se esta estimativa de um valor mediano para o conjunto dos alunos. Trata-se, provavelmente, de uma estimativa conservadora, sobretudo dada a generalização dos cursos de mestrado ao longo do período.

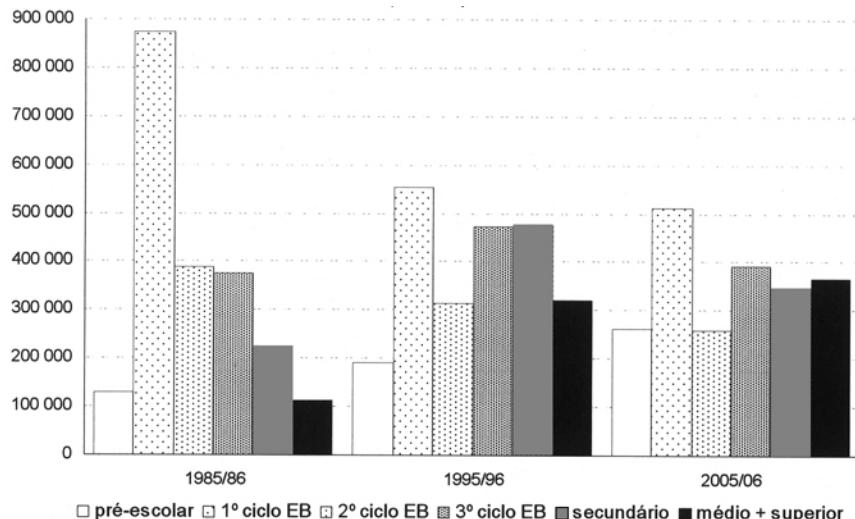
perdas ao longo do sistema, começando pela de quase 10 por cento entre os máximos do 1º e do 2º ciclo, e aumentando para 23 e 27 por cento ao longo dos ciclos sucessivos (estas diferenças estão subestimadas, visto o 1º ciclo ter tido o seu valor máximo antes do início da série). As maiores perdas de potencial verificaram-se entre o 2º e o 3º ciclos (15 por cento), reflectindo a demora da efectiva implantação deste último como escolaridade obrigatória; e sobretudo entre os Ensinos Secundário e Superior (37 por cento).

Gráfico 2.5
Variação percentual do número máximo de alunos matriculados segundo o nível de ensino, relativamente aos máximos dos níveis antecedentes totais nacionais, 1985/86-2002/03



Como resultado, se na primeira metade do período em observação encontramos uma profunda mudança da estrutura morfológica do sistema, com a descida dos ciclos de escolaridade iniciais e o crescimento acentuado dos mais elevados, no fim do período o perfil do sistema apresenta sinais de saturação, mercê da inflexão ou atenuação do crescimento de todos os níveis de educação e ciclos de estudos, com a excepção do nível pré-escolar (Gráfico 2.6).

Gráfico 2.6
Perfis anuais de alunos matriculados por nível de educação
totais nacionais, 1985/86, 1995/96 e 2005/06



A tabela 2.III mostra a recomposição da *estrutura da população discente por níveis de educação e ciclos de estudos*, resultante das evoluções que temos vindo a descrever, anulando a variação dos totais anuais. A Educação Pré-escolar viu o seu peso relativo duplicar no período de 1985/86 até 2005/06, de 6 para 12 por cento. Pelo contrário, o 1º ciclo e o 2º ciclo do Ensino Básico perderam, respectivamente, 18 e 6 por cento dos seus pesos relativos, enquanto o 3º ciclo, depois de ter aumentado até 1994/95, regressou praticamente ao seu peso relativo inicial. O Ensino Secundário aumentou, ao todo, o seu peso relativo em 6 por cento, embora esse peso se ache em regressão desde 1995/96. Finalmente, o Ensino Superior aumentou quase ininterruptamente o seu peso relativo até mais que o triplicar, tendência que estagnou apenas nos anos finais da série, com um ganho de cerca de 12 por cento. O gráfico 2.7 representa o conjunto destas variações.

Em suma, a morfologia do sistema passou em 20 anos de uma estrutura assente esmagadoramente nos 3 ciclos do Ensino Básico (pesando no seu conjunto 79 por cento em 1985/86), para outra em que o nível básico passou a pesar pouco mais de metade (54 por cento do total em 2005/06),

face ao progresso da Educação Pré-escolar, e sobretudo dos níveis secundário e superior que, partindo de uma posição relativa marginal (16 por cento em 1985/86), agregam no fim do período um terço dos alunos matriculados, destacando-se o crescimento absoluto e relativo do Ensino Superior (que se esgotou em 2001/02, mercê da inflexão do nível secundário depois de 1995/96, e do superior após 2002/03).

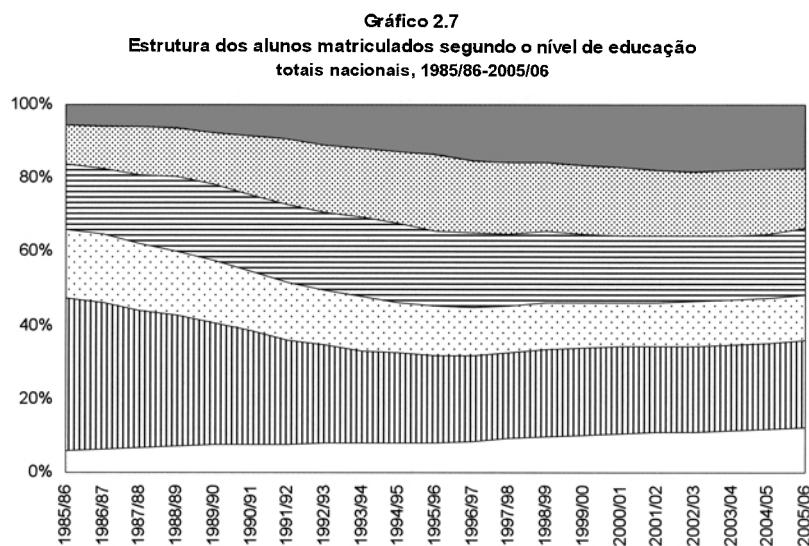
**TABELA 2-III - ALUNOS MATRICULADOS - ESTRUTURA, SEGUNDO O NÍVEL DE EDUCAÇÃO/ENSINO,
POR ANO LECTIVO**
dados nacionais em percentagem

	Total	Pré-Escolar	Básico				Secundário	CET ⁽¹⁾	Superior ⁽²⁾
			Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo			
1985/86	100	6,1	77,9	41,6	18,5	17,9	10,6	--	5,4
1986/87	100	6,5	76,1	39,8	18,7	17,7	11,5	--	5,8
1987/88	100	6,9	74,2	37,1	18,5	18,6	12,9	--	5,9
1988/89	100	7,3	73,3	35,5	17,5	20,2	13,0	--	6,4
1989/90	100	7,5	70,8	33,1	17,1	20,6	14,3	--	7,4
1990/91	100	7,8	67,7	30,6	16,3	20,9	15,9	--	8,5
1991/92	100	7,7	65,4	28,5	15,4	21,5	17,4	--	9,5
1992/93	100	7,8	63,1	26,9	14,9	21,4	18,2	--	10,8
1993/94	100	7,9	61,4	25,2	14,8	21,5	18,8	--	11,9
1994/95	100	7,9	59,9	24,7	13,7	21,5	19,4	--	12,8
1995/96	100	8,2	57,6	23,7	13,5	20,3	20,5	--	13,7
1996/97	100	8,7	56,4	23,2	13,1	20,0	19,8	--	15,2
1997/98	100	9,4	55,6	23,3	12,4	19,9	19,3	--	15,7
1998/99	100	9,8	55,8	23,8	12,4	19,5	18,6	--	15,8
1999/00	100	10,1	54,9	23,9	12,2	18,8	18,5	--	16,5
2000/01	100	10,4	54,1	23,7	12,0	18,4	18,3	--	17,2
2001/02	100	10,8	53,5	23,3	12,2	18,0	17,8	--	17,8
2002/03	100	11,2	53,2	23,0	12,4	17,7	17,5	0,03	18,1
2003/04	100	11,5	53,0	23,0	12,5	17,6	17,4	0,08	18,0
2004/05	100	12,0	53,1	23,2	12,3	17,5	17,3	0,10	17,5
2005/06 ⁽³⁾	100	12,3	54,3	23,9	12,2	18,3	16,1	0,10	17,2

Fonte: GIASE (2006a)

(1) Cursos de Especialização Tecnológica (2) De 1985/86 a 1987/88 inclui os alunos do Ensino Médio

(3) Dados preliminares



Passamos a descrever a evolução do *número de alunos matriculados segundo o sector institucional*. No essencial, os valores para os diversos níveis de ensino em análise seguem no sector público o mesmo padrão que acabámos de ver para o conjunto dos dados nacionais. Não iremos, por isso, deter-nos na análise destes dados, que nos limitamos a apresentar na tabela 2.IV. Atemo-nos, por isso, aos que respeitam à evolução do sector privado e do seu peso no conjunto do sistema, usando o sector público como termo de comparação.

No sector privado, houve um aumento gradual do número total de alunos inscritos. Decresceram apenas os 1º e 2º ciclos do Ensino Básico, respectivamente 44 e 35 por cento (face a decréscimos de 8 e 16 por cento, respectivamente, no sector público). São de salientar as subidas dos níveis pré-escolar, secundário e superior. Quanto ao nível pré-escolar, temos um crescimento de 83 por cento, ainda assim inferior ao do sector público (que foi de 130 por cento). No nível secundário (a que agregámos nos últimos anos da série os cursos de especialização tecnológica), o número de alunos inscritos no sector privado mais do que quintuplicou, com um crescimento

de 408 por cento, enquanto o sector público cresceu apenas 34 por cento. Nos níveis médio e superior, registou-se um crescimento de 475 por cento dos alunos matriculados no sector privado, enquanto o sector público não chegou a triplicar os seus efectivos, com um crescimento de 191 por cento. No cômputo total, o sector privado cresceu 81 por cento, enquanto o público decresceu 7 por cento (Tabela 2.V e Gráficos 2.8 e 2.9).

TABELA 2.IV - ALUNOS MATRICULADOS NO SECTOR PÚBLICO, SEGUNDO O NÍVEL DE EDUCAÇÃO/ENSINO, POR ANO LECTIVO
Dados nacionais

	Total	Pré-Escolar	Básico				Secundário	CET ⁽¹⁾	Médio	Superior
			Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo				
1985/86	1 874 614	59 820	1 508 774	817 981	354 364	336 429	209 233	--	6 252	90 535
1986/87	1 874 080	63 153	1 481 688	787 759	358 281	335 648	230 398	--	4 561	94 280
1987/88	1 884 119	66 237	1 458 242	741 949	354 248	362 045	257 738	--	2 500	99 402
1988/89	1 883 260	70 571	1 448 876	706 195	348 426	394 255	256 780	--	--	107 033
1989/90	1 899 308	70 730	1 420 525	670 441	343 192	406 892	285 613	--	--	122 440
1990/91	1 896 979	75 041	1 366 416	616 410	330 377	419 629	318 239	--	--	137 283
1991/92	1 971 979	76 501	1 383 869	605 606	327 240	451 023	360 924	--	--	150 685
1992/93	1 932 495	76 735	1 322 850	567 199	311 729	443 922	367 083	--	--	165 827
1993/94	1 959 891	77 737	1 314 555	541 387	315 183	457 985	385 348	--	--	182 251
1994/95	1 971 365	81 952	1 293 906	532 913	296 332	464 661	400 102	--	--	195 405
1995/96	1 927 807	82 828	1 224 814	505 514	289 482	429 818	416 309	--	--	203 856
1996/97	1 907 289	94 530	1 188 305	492 089	277 154	419 062	398 166	--	--	226 288
1997/98	1 881 217	100 753	1 161 808	489 700	258 257	413 851	382 261	--	--	236 395
1998/99	1 847 321	105 517	1 140 804	489 193	253 517	398 094	362 143	--	--	238 857
1999/2000	1 843 185	113 644	1 119 701	489 049	248 364	382 288	354 832	--	--	255 008
2000/01	1 834 792	117 226	1 099 901	483 329	243 735	372 837	344 135	--	--	273 530
2001/02	1 802 759	123 060	1 068 865	468 241	241 637	358 987	326 045	--	--	284 789
2002/03	1 784 653	127 688	1 049 353	458 684	243 246	347 423	316 848	232	--	290 532
2003/04	1 779 117	133 353	1 041 965	456 725	243 650	341 590	315 066	424	--	288 309
2004/05	1 760 120	137 297	1 029 173	454 458	238 122	336 593	310 762	615	--	282 273
2005/06 ⁽²⁾	1 730 369	137 728	1 035 569	459 737	231 207	344 425	280 398	1 353	--	275 521

Fonte: GIASE (2006a)

(1) Cursos de Especialização Tecnológica (2) Dados preliminares; Ensino Recorrente dos 1º e 2º ciclos - valores estimados

TABELA 2.V - ALUNOS MATRICULADOS NO SECTOR PRIVADO, SEGUNDO O NÍVEL DE EDUCAÇÃO/ENSINO, POR ANO LECTIVO
Dados nacionais

	Total	Pré-Escolar	Básico				Secundário	CET ⁽¹⁾	Médio	Superior
			Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo				
1985/86	228 784	68 269	130 631	56 281	34 630	39 720	12 718	--	1 485	15 681
1986/87	236 933	74 716	125 244	51 470	36 783	36 991	12 630	--	1 495	22 848
1987/88	251 355	82 111	125 419	49 469	40 288	35 662	18 667	--	1 053	24 105
1988/89	240 329	85 286	106 697	47 454	24 024	35 219	19 442	--	--	28 904
1989/90	263 385	90 899	110 589	45 440	27 415	37 734	23 955	--	--	37 942
1990/91	293 933	96 511	117 840	53 115	26 043	38 682	29 672	--	--	49 910
1991/92	334 712	100 321	125 313	52 699	27 391	45 223	40 339	--	--	68 739
1992/93	351 913	102 400	119 039	46 498	27 515	45 026	48 778	--	--	81 696
1993/94	368 065	105 561	115 269	44 647	28 254	42 368	52 952	--	--	94 283
1994/95	379 939	103 136	114 543	47 570	25 160	41 813	57 092	--	--	105 168
1995/96	399 711	108 195	114 935	47 210	25 727	41 998	60 912	--	--	115 669
1996/97	408 006	105 960	117 418	46 033	27 233	44 152	60 066	--	--	124 562
1997/98	413 170	114 526	114 568	45 412	26 831	42 325	60 522	--	--	123 554
1998/99	410 722	115 258	118 669	49 080	27 584	42 005	58 862	--	--	117 933
1999/20	417 560	114 815	121 135	50 894	28 165	42 076	62 873	--	--	118 737
2000/01	425 420	118 384	123 250	52 251	28 058	42 941	69 613	--	--	114 173
2001/02	425 593	118 228	124 066	51 970	29 188	42 908	71 487	--	--	111 812
2002/03	424 338	119 833	125 059	49 788	30 923	44 348	68 741	406	--	110 299
2003/04	419 837	120 282	124 312	49 396	30 473	44 443	67 146	1 343	--	106 754
2004/05	412 733	122 491	123 884	49 954	29 620	44 310	66 134	1 560	--	98 664
2005/06 ⁽²⁾	408 250	124 799	126 834	51 559	29 172	46 103	64 060	766	--	91 791

Fonte: GIASE (2006a)

(1) Cursos de Especialização Tecnológica (2) Dados preliminares; Ensino Recorrente dos 1º e 2º ciclos - valores estimados

Por efeito destas variações, o ensino privado mudou substancialmente de composição ao longo do período, quer relativamente à sua participação no sistema como um todo (Gráfico 2.10), quer no referente à sua composição interna, especialmente em comparação com o ocorrido no sector público.

Gráfico 2.8
Variação do número de alunos matriculados segundo o nível de educação, por sector institucional
totais nacionais, 1985/86-2005/06

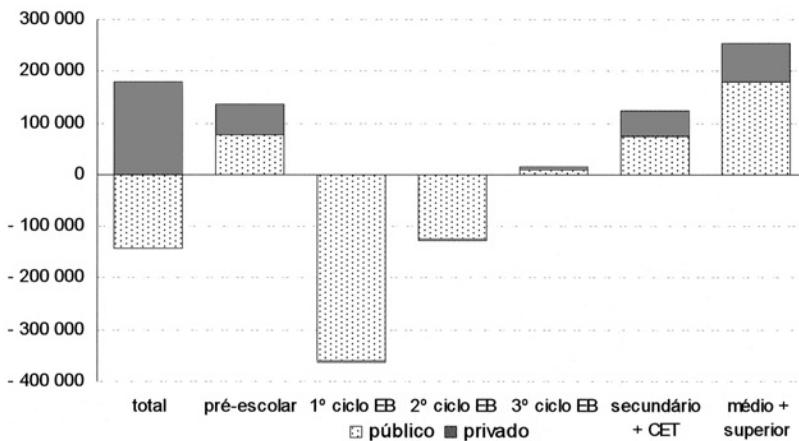
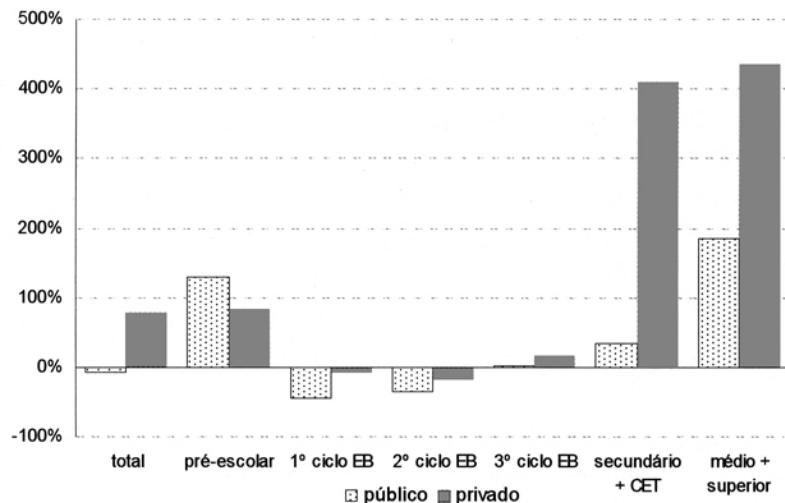
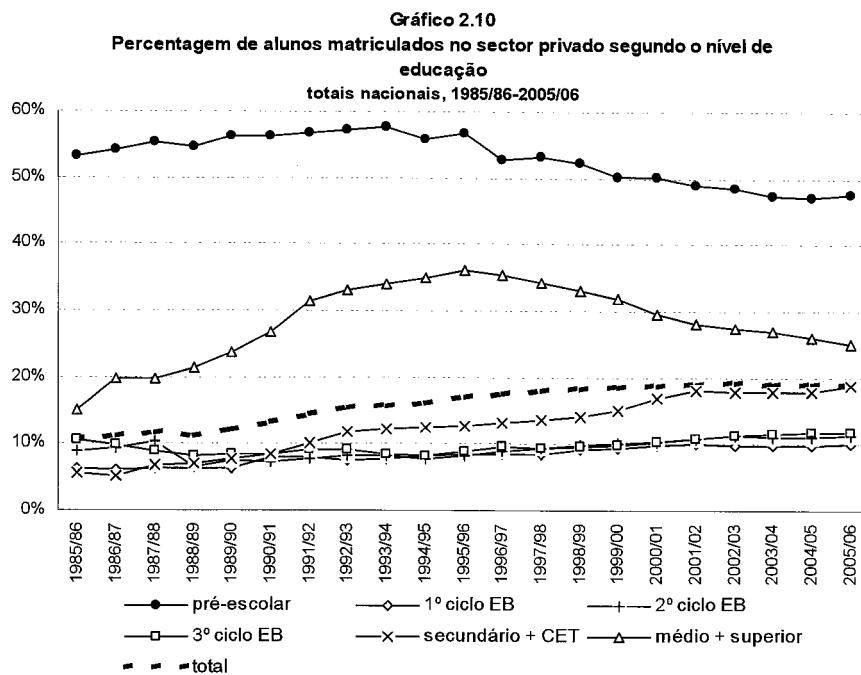


Gráfico 2.9
Variação percentual do número de alunos matriculados segundo o nível de educação, por sector institucional
totais nacionais, 1985/86-2005/06



Considerando o total de alunos matriculados, o ensino privado quase duplicou a sua importância relativa entre 1985/86 e 2005/06.



Esta evolução processou-se com ritmos e amplitudes diferentes, consoante os níveis de educação/ensino e os ciclos de estudos. Nos dois níveis com maior expressão relativa, o pré-escolar e o superior, vemos que o peso relativo do sector privado aumentou, *grosso modo*, até ao final da primeira metade da década de 90 (de 53 para 58 por cento no pré-escolar, de 15 para 36 por cento no superior), regredindo depois face ao aumento da rede pública, no primeiro caso (para 48 por cento em 2005/06), e à retracção do número de alunos, no caso do Ensino Superior (para 25 por cento em 2005/06). As tendências foram de aumento moderado do peso relativo do sector privado no 1º ciclo do Ensino Básico (de 6 para 10 por cento) e de estagnação com algumas flutuações pouco consequentes no 2º e no 3º ciclos, entre mínimos de cerca dos 8 por cento e máximos de 11 a 12 por cento, já no final do período. Finalmente, o Ensino Secundário foi o nível onde a parcela do sector privado se expandiu de modo mais amplo e consistente, ao longo de toda a série, mais do que triplicando o seu peso relativo, de 6 para 19 por cento do total de alunos.

TABELA 2.VI - ALUNOS MATRICULADOS NO SECTOR PÚBLICO - ESTRUTURA, SEGUNDO O NÍVEL DE EDUCAÇÃO/ENSINO, POR ANO LECTIVO
Dados nacionais, em percentagem

	Total	Pré-Escolar	Básico				Secundário	CET ⁽¹⁾	Superior ⁽²⁾
			Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo			
1985/86	100	3,2	80,5	43,6	18,9	17,9	11,2	--	5,2
1986/87	100	3,4	79,1	42,0	19,1	17,9	12,3	--	5,3
1987/88	100	3,5	77,4	39,4	18,8	19,2	13,7	--	5,4
1988/89	100	3,7	76,9	37,5	18,5	20,9	13,6	--	5,7
1989/90	100	3,7	74,8	35,3	18,1	21,4	15,0	--	6,4
1990/91	100	4,0	72,0	32,5	17,4	22,1	16,8	--	7,2
1991/92	100	3,9	70,2	30,7	16,6	22,9	18,3	--	7,6
1992/93	100	4,0	68,5	29,4	16,1	23,0	19,0	--	8,6
1993/94	100	4,0	67,1	27,6	16,1	23,4	19,7	--	9,3
1994/95	100	4,2	65,6	27,0	15,0	23,6	20,3	--	9,9
1995/96	100	4,3	63,5	26,2	15,0	22,3	21,6	--	10,6
1996/97	100	5,0	62,3	25,8	14,5	22,0	20,9	--	11,9
1997/98	100	5,4	61,8	26,0	13,7	22,0	20,3	--	12,6
1998/99	100	5,7	61,8	26,5	13,7	21,5	19,6	--	12,9
1999/00	100	6,2	60,7	26,5	13,5	20,7	19,3	--	13,8
2000/01	100	6,4	59,9	26,3	13,3	20,3	18,8	--	14,9
2001/02	100	6,8	59,3	26,0	13,4	19,9	18,1	--	15,8
2002/03	100	7,2	58,8	25,7	13,6	19,5	17,8	0,01	16,3
2003/04	100	7,5	58,6	25,7	13,7	19,2	17,7	0,02	16,2
2004/05	100	7,8	58,5	25,8	13,5	19,1	17,3	0,03	16,0
2005/06 ⁽³⁾	100	8,0	59,8	26,6	13,4	19,9	16,2	0,08	15,9

Fonte: GIASE (2006a)

(1) Cursos de Especialização Tecnológica (2) De 1985/86 a 1987/88 inclui os alunos do Ensino Médio

(3) Dados preliminares

TABELA 2.VII - ALUNOS MATRICULADOS NO SECTOR PRIVADO - ESTRUTURA, SEGUNDO O NÍVEL DE EDUCAÇÃO/ENSINO, POR ANO LECTIVO
Dados nacionais, em percentagem

	Total	Pré-Escolar	Básico				Secundário	CET ⁽¹⁾	Superior ⁽²⁾
			Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo			
1985/86	100	29,8	57,1	24,6	15,1	17,4	5,6	--	7,5
1986/87	100	31,5	52,9	21,7	15,5	15,6	5,3	--	10,3
1987/88	100	32,7	49,9	19,7	16,0	14,2	7,4	--	10,0
1988/89	100	35,5	44,4	19,7	10,0	14,7	8,1	--	12,0
1989/90	100	34,5	42,0	17,3	10,4	14,3	9,1	--	14,4
1990/91	100	32,8	40,1	18,1	8,9	13,2	10,1	--	17,0
1991/92	100	30,0	37,4	15,7	8,2	13,5	12,1	--	20,5
1992/93	100	29,1	33,8	13,2	7,8	12,8	13,9	--	23,2
1993/94	100	28,7	31,3	12,1	7,7	11,5	14,4	--	25,6
1994/95	100	27,1	30,1	12,5	6,6	11,0	15,0	--	27,7
1995/96	100	27,1	28,8	11,8	6,4	10,5	15,2	--	28,9
1996/97	100	26,0	28,8	11,3	6,7	10,8	14,7	--	30,5
1997/98	100	27,7	27,7	11,0	6,5	10,2	14,6	--	29,9
1998/99	100	28,1	28,9	11,9	6,7	10,2	14,3	--	28,7
1999/00	100	27,5	29,0	12,2	6,7	10,1	15,1	--	28,4
2000/01	100	27,8	29,0	12,3	6,6	10,1	16,4	--	26,8
2001/02	100	27,8	29,2	12,2	6,9	10,1	16,8	--	26,3
2002/03	100	28,2	29,5	11,7	7,3	10,5	16,2	0,10	26,0
2003/04	100	28,6	29,6	11,8	7,3	10,6	16,0	0,32	25,4
2004/05	100	29,7	30,0	12,1	7,2	10,7	16,0	0,38	23,9
2005/06 ⁽³⁾	100	30,6	31,1	12,6	7,1	11,3	15,7	0,19	22,5

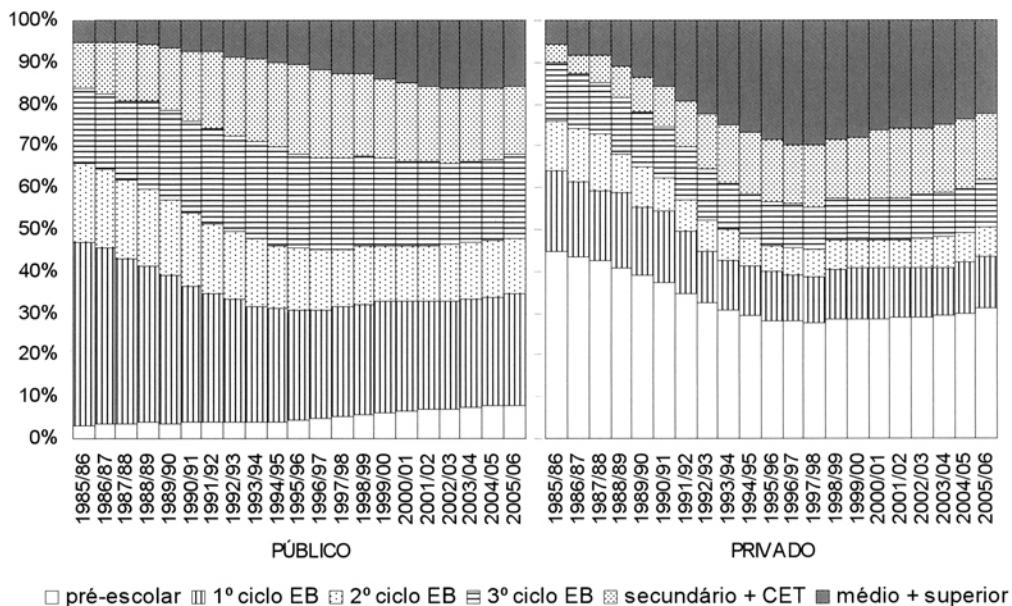
Fonte: GIASE (2006a)

(1) Cursos de Especialização Tecnológica (2) De 1985/86 a 1987/88 inclui os alunos do Ensino Médio

(3) Dados preliminares

Quanto à sua morfologia interna, além do peso muito elevado do nível pré-escolar (cerca de 30 por cento), que sempre o diferenciou do sector público, o ensino privado evoluiu gradualmente de uma estrutura dominada pelos três ciclos do Ensino Básico, para uma situação de predomínio acentuado dos níveis secundário e superior. No sector público, pese embora alguma deslocação no mesmo sentido, os ciclos componentes da escolaridade obrigatória mantiveram sempre a parte do leão na estrutura da população discente (Tabelas 2.VI e 2.VII e Gráfico 2.11).

Gráfico 2.11
Estrutura dos alunos matriculados, segundo o nível de educação, por sector
intitucional
totais nacionais, 1985/86-2005/06



A **taxa real de escolarização** facilita-nos a relação percentual entre o número de alunos matriculados num ciclo, em idade normal de frequência desse ciclo, e a população residente dos mesmos níveis etários (Tabela 2.VIII). A variação observada entre os anos extremos das séries revela progressos evidentes na cobertura da população em idade escolar pelos níveis de ensino e ciclos de estudos correspondentes (excepção feita ao 1º ciclo do Ensino Básico, cuja cobertura era já plena no início do período), tanto maiores quanto mais baixos eram os níveis de partida. Assim, a taxa de pré-escolarização quase triplicou, aumentando 50 pontos percentuais; no 2º ciclo do Ensino Básico, a variação foi de 43 por cento, com um aumento de 26 pontos percentuais; no 3º ciclo do Ensino Básico, a taxa duplicou, com um aumento de 41 pontos percentuais; no Ensino Secundário, mais do que triplicou, com um aumento de 40 pontos percentuais; finalmente, mais do que quadruplicou no Ensino Superior, mediante um aumento de 21 pontos percentuais (Gráfico 2.12)

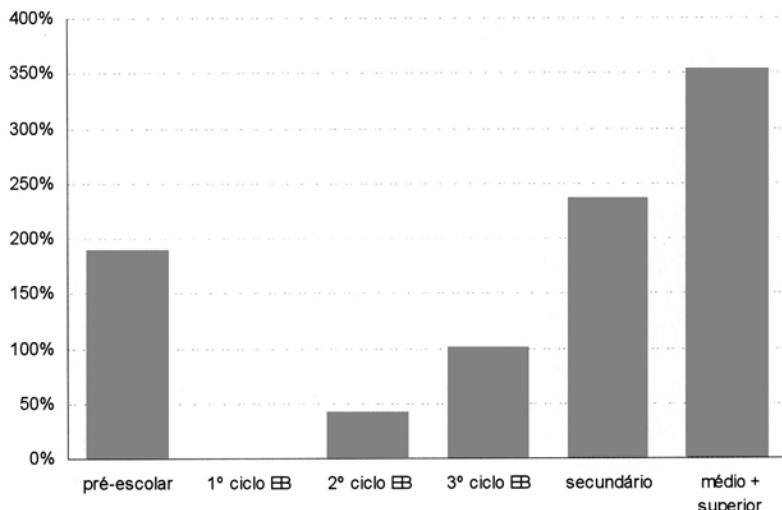
TABELA 2.VIII - TAXA REAL DE ESCOLARIZAÇÃO, SEGUNDO O NÍVEL DE EDUCAÇÃO/ENSINO, POR ANO LECTIVO
dados nacionais, em percentagem

	Pré-Escolar	Básico			Secundário	Superior ⁽¹⁾
		1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		
1985/86	26,7	100	60,7	41,0	17,8	6,0
1986/87	30,2	100	62,7	41,2	19,5	6,5
1987/88	34,0	100	67,5	44,7	23,7	7,1
1988/89	37,9	100	66,9	49,5	24,0	7,7
1989/90	41,7	100	69,2	54,0	28,2	9,2
1990/91	47,1	100	71,7	58,3	31,0	10,8
1991/92	51,7	100	78,5	65,5	40,1	12,4
1992/93	52,7	100	81,4	66,4	43,7	17,7
1993/94	54,2	100	87,8	72,2	49,1	19,6
1994/95	53,8	100	85,2	77,9	51,5	18,8
1995/96	55,7	100	88,1	80,8	58,8	20,3
1996/97	60,1	100	89,1	82,5	59,4	23,4
1997/98	65,9	100	87,3	82,7	59,1	24,5
1998/99	68,6	100	88,7	83,5	58,6	24,0
1999/00	71,6	100	87,4	83,9	58,8	24,9
2000/01	74,8	100	87,0	86,8	62,5	26,1
2001/02	76,3	100	86,0	84,4	59,7	26,3
2002/03	76,4	100	86,8	82,5	58,9	27,1
2003/04	77,1	100	86,9	82,0	58,0	27,3
2004/05	77,4	100	86,4	82,5	59,8	27,2

Fonte: GIASE (2006a)

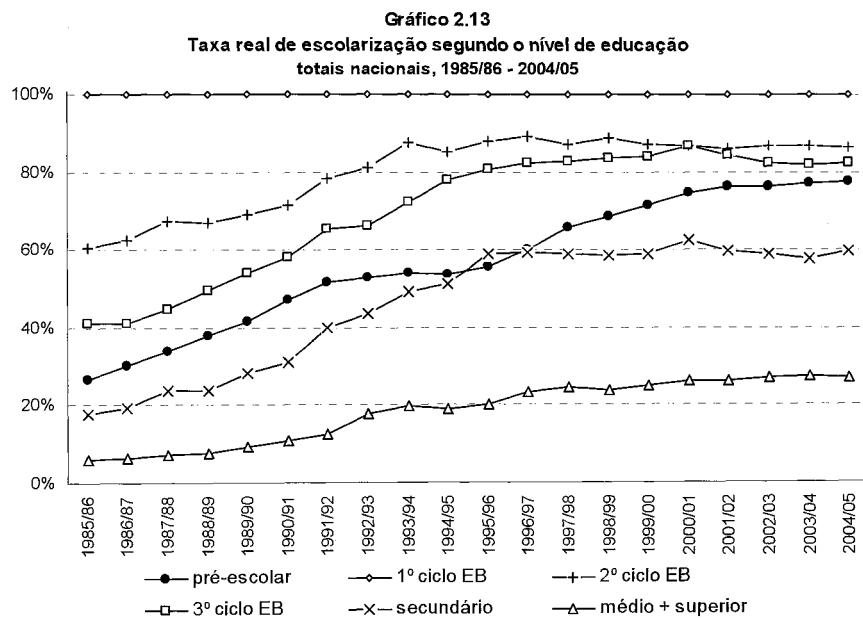
(1) De 1985/86 a 1987/88 inclui os alunos do Ensino Médio

Gráfico 2.12
Variação percentual da taxa real de escolarização segundo o nível de educação
totais nacionais, 1985/86-2004/05



Esses progressos ocorreram, na maior parte dos níveis de ensino, até meados da década de 90. A taxa real de escolarização do 2º ciclo do ensino Básico estagnou a partir de 1993/94, nunca chegando a atingir os 90 por cento; a do 3º ciclo quedou-se abaixo dos 85 por cento a partir de 1996/97, salvo uma oscilação pontual em 2000/01. Assim, os dois níveis mais elevados da escolaridade obrigatória situam-se abaixo da plena cobertura da sua população de referência, não mostrando sinais de evolução no último decénio. A taxa real de escolarização no Ensino Secundário deixou de crescer a partir de 1995/96, quedando-se abaixo dos 60 por cento e mostrando mesmo uma ligeira tendência descendente nos últimos anos. Só os níveis pré-escolar e superior evidenciam tendências de crescimento mais prolongadas, o primeiro aproximando-se notavelmente dos 80 por cento, e o segundo, cujo crescimento abrandou após 1996/97, tendendo para a estagnação no patamar de cerca de 27 por cento da população de referência desde 2002/03 (Gráfico 2.13).

Recordando que a população de referência é constituída pela população residente no intervalo de idades normal para a frequência de cada ciclo de ensino, os valores da taxa real de escolarização inferiores à unidade resultam da composição de dois fenómenos: as saídas de alunos do sistema antes de atingirem o ciclo de ensino, e as retenções em ciclos antecedentes ou no próprio ciclo, prolongando a sua frequência para além da idade normal de transição. Embora a taxa em si mesma nada nos diga sobre o peso relativo destes dois fenómenos, alerta claramente para a sua (co)existência; o relacionamento destes valores com os da taxa bruta de escolarização permitir-nos-á, adiante, elucidar algo mais este processo.



A evolução da *taxa de escolarização por idade*, que consiste na relação percentual entre o número de alunos matriculados, independentemente do nível, e a população residente em cada uma das idades, oferece uma perspectiva complementar que, no essencial, confirma as tendências que acabámos de descrever. Além da lentidão da implantação efectiva da escolaridade obrigatória – só decorridos dez anos sobre a sua aprovação a taxa de escolarização atingiu os 100 por cento aos 14 anos –, a dificuldade de expansão do sistema para lá do Ensino Básico é notória nas

quebras sucessivas da taxa de escolarização a partir dos 15 anos, idade normal de transição entre o terceiro ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário. Com efeito, a taxa aos 15 anos estagnou abaixo dos 95 por cento a partir de 1995/96, após uma subida acentuada que constituiu a principal expansão da cobertura populacional do sistema e que reduziu a diferença das taxas de escolarização entre os 12 e os 15 anos, de 40 por cento em 1985/86, para menos de 10 por cento a partir de 1994/95.

TABELA 2.IX - TAXA DE ESCOLARIZAÇÃO POR IDADE E ANO LECTIVO
dados nacionais, em percentagem

	Idade (anos)											
	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1985/86	20,4	26,9	32,7	100,0	100,0	100,0	100,0	99,0	100,0	96,6	84,2	67,5
1986/87	22,0	30,5	37,5	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	94,0	84,7	66,1
1987/88	24,9	34,7	41,7	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	94,8	84,4	68,5
1988/89	29,9	38,1	44,8	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	98,5	86,1	72,5
1989/90	34,1	42,7	47,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	92,4	75,6
1990/91	38,2	49,8	52,8	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	94,0	78,3
1991/92	44,5	53,9	56,4	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	99,7	95,7	88,0
1992/93	43,4	55,4	59,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	99,8	95,2	87,3
1993/94	47,5	54,5	60,8	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	99,6	92,4
1994/95	43,2	55,1	63,2	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	90,4
1995/96	45,1	56,0	66,1	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	95,8
1996/97	50,0	61,7	68,3	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1997/98	55,3	66,1	75,7	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1998/99	56,6	70,8	79,8	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1999/00	58,6	72,3	85,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2000/01	62,8	78,4	84,9	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2001/02	63,1	81,4	86,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2002/03	60,8	81,9	89,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2003/04	63,9	79,9	90,2	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2004/05	61,4	84,0	89,8	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GIASE (2006a)

CONTINUA

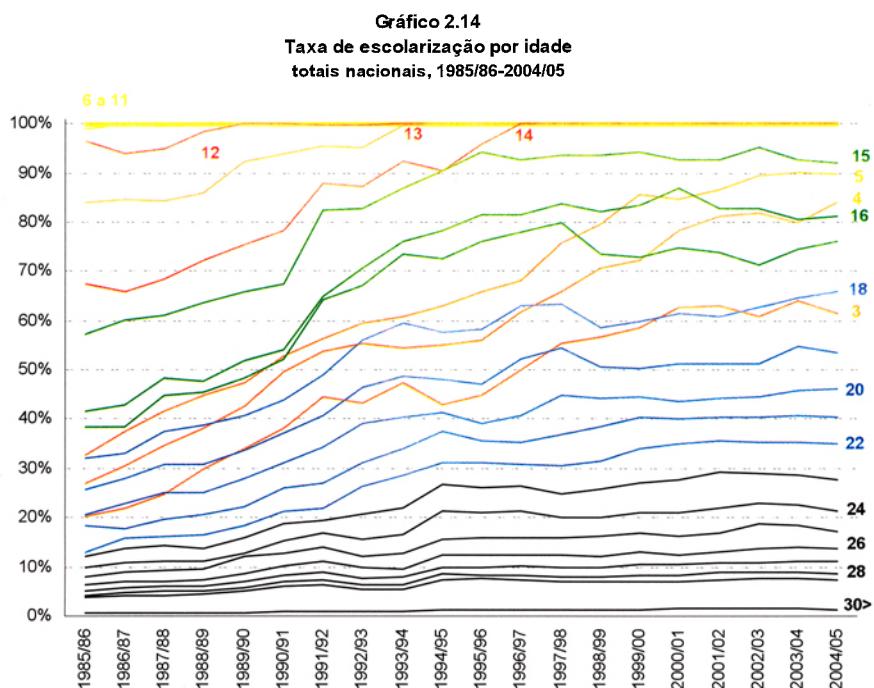
TABELA 2.IX - TAXA DE ESCOLARIZAÇÃO POR IDADE E ANO LECTIVO
dados nacionais, em percentagem (cont.)

	Idade (anos)															
	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	≥30
1985/86	57,2	41,6	38,4	32,3	25,7	20,8	18,3	13,1	12,0	9,9	7,9	6,5	5,1	4,2	3,7	0,5
1986/87	60,3	42,9	38,6	33,3	27,9	23,1	18,0	15,9	13,7	10,9	8,9	7,0	5,7	4,7	4,0	0,6
1987/88	61,1	48,4	45,1	37,7	31,0	25,1	19,7	16,1	14,3	11,1	9,2	7,1	6,0	5,0	4,2	0,6
1988/89	63,8	47,9	45,6	38,8	31,0	25,2	20,6	16,6	13,7	11,3	9,5	7,3	6,2	5,1	4,5	0,7
1989/90	66,1	52,0	48,3	40,9	33,8	28,2	22,4	18,5	15,9	12,6	12,0	8,5	7,0	5,8	5,1	0,7
1990/91	67,7	54,2	52,3	44,0	37,3	31,2	26,0	21,4	18,7	15,3	12,7	10,3	8,4	6,9	5,9	0,9
1991/92	82,5	64,9	64,4	49,1	40,7	34,4	27,1	22,1	19,3	16,9	14,0	11,2	8,9	7,4	6,3	1,0
1992/93	82,9	70,6	67,2	56,2	46,6	39,0	31,4	26,5	20,7	15,6	12,2	9,8	7,8	6,4	5,4	0,8
1993/94	87,0	76,1	73,6	59,6	48,8	40,5	34,1	28,8	22,0	16,6	12,7	9,7	7,8	6,4	5,3	0,9
1994/95	90,4	78,3	72,7	57,6	48,0	41,4	37,6	31,3	26,7	21,4	15,5	12,4	10,0	8,7	7,5	1,3
1995/96	94,2	81,7	76,0	58,2	47,0	39,1	35,8	31,1	26,0	21,0	16,0	12,6	9,9	8,3	7,7	1,3
1996/97	92,7	81,7	78,0	63,2	52,4	40,6	35,4	30,9	26,5	21,2	15,9	12,4	10,1	8,3	7,5	1,3
1997/98	93,8	83,8	80,0	63,5	54,5	44,9	36,9	30,4	24,8	20,1	15,9	12,3	9,8	7,9	6,9	1,3
1998/99	93,6	82,2	73,5	58,5	50,6	44,3	38,5	31,4	25,7	20,1	16,3	12,1	10,0	8,1	7,0	1,3
1999/00	94,3	83,4	72,8	59,9	50,3	44,7	40,6	34,1	27,1	21,1	17,0	13,0	10,6	8,3	7,1	1,4
2000/01	92,8	87,1	75,0	61,4	51,4	43,7	40,3	35,0	27,7	20,9	16,2	12,6	10,4	8,3	7,0	1,5
2001/02	92,6	82,9	73,9	60,9	51,2	44,2	40,6	35,8	29,4	22,1	17,0	13,2	10,7	8,9	7,3	1,5
2002/03	95,2	82,9	71,5	62,7	51,3	44,8	40,6	35,3	28,9	23,0	18,9	13,8	10,9	9,0	7,6	1,5
2003/04	92,6	80,5	74,4	64,8	54,7	45,8	40,9	35,5	28,7	22,7	18,6	14,0	11,2	9,1	7,7	1,5
2004/05	92,0	81,4	76,3	66,0	53,5	46,1	40,4	35,1	27,6	21,5	17,2	13,7	11,0	8,7	7,3	1,4

Fonte: GIASE (2006a)

Porém, a sua quebra entre os 15 e os 16 anos, que se situava em torno dos 15 por cento no começo da série, só decresceu muito lentamente e oscila ainda em torno dos 10 por cento nos anos mais recentes. Por cada ano de idade dos 15 aos 24 anos, a quebra é quase sempre superior a 5 por cento, e frequentemente de 10 por cento ou mais, a partir da segunda metade da década de 90. Como vimos acima, as diferenças entre os máximos históricos de alunos matriculados em cada ciclo sugerem que essa perda de potencial é em boa parte definitiva, logo desde o final do Ensino Básico, não resultando apenas de atrasos etários na conclusão dos ciclos.

Por outro lado, com excepção das idades correspondentes ao nível pré-escolar, todas as séries etárias fora da escolaridade obrigatória dão sinais de saturação de crescimento a partir da segunda metade da década de 90 ou dos anos iniciais do século XXI, projectando para o futuro próximo uma estagnação dos *stocks* de qualificação ainda muito aquém dos níveis de desenvolvimento almejados (Tabela 2.IX e Gráfico 2.14).⁸



⁸ No gráfico 2.14, as cores das séries representam a variação entre as idades normais de frequência dos vários níveis de educação/ensino e ciclos de estudos: pré-escolar dos 3 aos 5 anos, 1º ciclo do EB dos 6 aos 9, 2º ciclo do EB dos 10 aos 11, 3º ciclo do EB dos 12 aos 14, secundário dos 15 aos 17, e superior dos 18 aos 22. Ressalve-se que o numerador da taxa de escolarização por idade não distingue os níveis e ciclos de estudos, pelo que não há correspondência entre as idades assinaladas e os efectivos de cada nível e ciclo. A utilização dos intervalos de idades normais de frequência ajuda, ainda assim, à leitura do gráfico.

A ***taxa bruta de escolarização*** é a relação percentual entre o número total de alunos matriculados num ciclo de estudos (independentemente da idade), e a população residente com idade normal de frequência desse ciclo (Tabela 2.X). Apresenta frequentemente valores superiores à unidade, o que indica a existência de alunos a frequentar um determinado nível de ensino fora da idade normal.

TABELA 2.X - TAXA BRUTA DE ESCOLARIZAÇÃO, SEGUNDO O NÍVEL DE EDUCAÇÃO/ENSINO E O CICLO DE ESTUDOS, POR ANO LECTIVO
dados nacionais, em percentagem

	Pré-Escolar	Ensino Básico				Secundário	Superior ⁽¹⁾
		Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo		
1985/86	29,3	109,4	136,3	112,3	73,6	44,1	13,6
1986/87	32,3	109,1	136,7	114,1	72,7	48,4	14,9
1987/88	36,1	109,8	133,0	118,4	77,3	54,8	15,8
1988/89	40,3	110,2	129,9	118,4	83,0	54,7	17,1
1989/90	44,6	112,0	128,9	122,0	87,5	60,9	20,2
1990/91	50,7	113,2	126,7	120,4	94,2	67,7	23,4
1991/92	53,9	119,1	128,5	123,3	106,1	77,6	27,0
1992/93	55,1	118,5	125,6	122,0	108,5	82,2	30,1
1993/94	56,5	121,6	125,1	127,7	114,1	90,6	33,3
1994/95	56,2	123,8	128,6	124,2	118,4	98,6	36,1
1995/96	58,0	121,2	124,5	127,2	114,0	106,1	38,6
1996/97	61,1	121,1	122,2	128,8	115,3	103,9	43,0
1997/98	67,3	121,0	121,2	124,7	118,6	102,3	45,1
1998/99	70,3	121,7	122,1	125,2	119,2	100,1	45,8
1999/00	73,3	122,1	123,6	123,2	119,6	102,1	49,3
2000/01	75,6	122,1	125,1	120,7	119,2	105,4	52,1
2001/02	77,2	120,0	122,7	119,8	116,8	105,4	54,1
2002/03	77,3	118,5	120,2	122,7	113,8	106,4	55,7
2003/04	77,9	118,3	119,7	125,0	112,2	107,5	56,8
2004/05	78,3	117,4	118,6	124,7	111,5	107,6	56,7
2005/06 ⁽²⁾	78,8	118,3	118,4	121,6	116,1	98,7	57,0

Fonte: GIASE (2006a)

(1) De 1985/86 a 1987/88 inclui os alunos do Ensino Médio (2) Dados preliminares

A taxa bruta de escolarização no ensino regular subtrai ao numerador os alunos em regimes não regulares, designadamente nocturno e recorrente

(Tabela 2.XI). Aplica-se aos níveis de ensino em que estão definidos tais regimes, excluindo a Educação Pré-escolar e o Ensino Superior (embora neste se justificasse esta desagregação, quando existam modalidades endereçadas a públicos mais velhos e de trabalhadores-estudantes).

TABELA 2.XI - TAXA BRUTA DE ESCOLARIZAÇÃO NO ENSINO REGULAR, SEGUNDO O NÍVEL DE EDUCAÇÃO/ENSINO E O CICLO DE ESTUDOS, POR ANO LECTIVO
dados nacionais, em percentagem

	Ensino Básico				Secundário
	Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	
1985/86	108,8	136,3	109,8	73,6	44,1
1986/87	108,4	136,7	110,8	72,7	48,4
1987/88	109,1	133,0	115,5	77,3	54,8
1988/89	109,6	129,9	115,9	83,0	54,7
1989/90	111,4	128,9	119,4	87,5	60,9
1990/91	112,6	126,7	117,5	94,2	67,7
1991/92	117,9	128,5	120,5	104,6	77,6
1992/93	116,9	125,6	119,5	105,8	81,8
1993/94	119,2	125,1	125,7	108,9	89,8
1994/95	117,4	125,7	118,6	108,0	97,0
1995/96	115,7	122,0	122,8	104,8	103,4
1996/97	114,9	119,8	124,0	104,3	96,5
1997/98	114,8	118,0	121,3	107,3	93,4
1998/99	115,6	118,3	121,6	108,8	89,4
1999/00	116,0	119,3	119,6	109,7	88,9
2000/01	116,4	121,2	116,8	110,3	86,4
2001/02	114,9	119,3	117,1	108,2	84,2
2002/03	114,0	116,9	120,0	106,4	84,2
2003/04	114,0	116,4	121,9	106,2	85,5
2004/05	113,6	115,5	121,7	106,3	87,5
2005/06 ⁽¹⁾	115,2	115,4	119,1	112,3	80,8

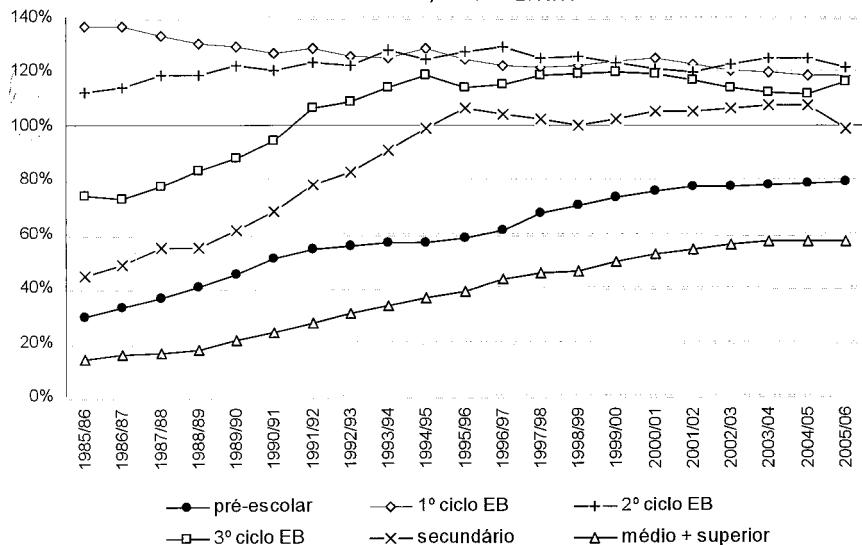
Fonte: GIASE (2006a)

(1) Dados preliminares

Além da subida já constatada da Educação Pré-escolar, onde a distinção entre as taxas real e bruta de escolarização não tem significado, as taxas brutas de escolarização dos dois ciclos iniciais de escolaridade situam-se acima da unidade durante todo o período, mostrando o 1º ciclo uma

tendência geralmente decrescente e o 2º ciclo uma tendência ascendente até 1996/97 e descendente a partir daí. Estes comportamentos estão relacionados com a plenitude de cobertura já alcançada no 1º ciclo e a gradual redução dos valores de retenção e desistência, tendência seguida pelo 2º ciclo com algum atraso. Mais notáveis são os comportamentos da taxa no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, mostrando a expansão acelerada e em paralelo destes dois níveis durante o decénio subsequente à entrada em vigor da Lei de Bases do Sistema Educativo. O Ensino Superior, por seu lado, revela um crescimento mais gradual, longe de acompanhar a expansão da escolarização secundária e mostrando sinais de saturação a um nível ainda comparativamente baixo desde 2002/03 (Gráfico 2.15).

Gráfico 2.15
Taxa bruta de escolarização segundo o nível de educação
totais nacionais, 1985/86 - 2005/06



Dadas as definições acima, as relações das taxas brutas total e no ensino regular, entre si e com a taxa real de escolarização, permitem calcular algumas medidas para diferenciar a composição dos efectivos. Assim, a diferença entre a taxa bruta de escolarização (TBE) e a taxa real de escolarização (TRE), expressa em rácio da taxa bruta de escolarização, permite calcular a percentagem da população discente de um nível de ensino

ou ciclo de estudos em idade diferente da sua idade de referência, a que chamamos *índice de desvio etário* (IDE).

$$\text{IDE} = (\text{TBE}-\text{TRE})/\text{TBE} \times 100$$

Presumindo que é negligenciável a parcela desta percentagem constituída por alunos que ingressaram no ciclo em idade inferior à normal, assumimos que o IDE indica o volume relativo de alunos em idade superior à idade de referência do nível ou ciclo em que se encontram.

Por outro lado, o desvio etário tem duas componentes: a dos alunos que permanecem no ensino regular para além da idade de referência, devido a retenções, e a daqueles que, atingida a idade adulta, reingressam no sistema educativo através dos regimes não regulares para educação de adultos, ou se transferem do regime regular para o recorrente. Assim, um rácio idêntico ao anterior, mas desta vez tendo como numerador a diferença entre a taxa bruta de escolarização no ensino regular (TBER) e a taxa real de escolarização, dá-nos a percentagem da população discente de um nível de ensino que nele permanece para além da idade de referência, por efeito de retenções anteriores, a que chamamos *índice de prolongamento* de frequência (IP).

$$\text{IP} = (\text{TBER}-\text{TRE})/\text{TBE} \times 100$$

Finalmente, a diferença entre o índice de desvio etário e o índice de prolongamento de frequência dá-nos a percentagem da população discente que se encontra a frequentar o ciclo de escolaridade em regime não-regular, a que chamamos *índice de recorrência* (IR)

$$\text{IR} = (\text{TBE}-\text{TBER}) \times 100 = \text{IDE} - \text{IP}$$

TABELA 2.XII - ÍNDICES DE DESVIO ETÁRIO, DE PROLONGAMENTO E DE RECORRÊNCIA SEGUNDO O NÍVEL DE ENSINO, POR ANO LECTIVO
dados nacionais, em percentagem

	Básico									Secundário			Superior	
	1º Ciclo			2º Ciclo			3º Ciclo							
	IDE ⁽¹⁾	IP ⁽²⁾	IR ⁽³⁾	IDE ⁽¹⁾	IP ⁽²⁾	IR ⁽³⁾	IDE ⁽¹⁾	IP ⁽²⁾	IR ⁽³⁾	IDE ⁽¹⁾	IP ⁽²⁾	IR ⁽³⁾		
1985/86	26,6	26,6	0,0	46,0	43,8	2,2	44,3	44,3	0,0	59,6	59,7	0,0	55,8	
1986/87	26,9	26,8	0,0	45,1	42,2	2,9	43,4	43,4	0,1	59,6	59,6	0,0	56,5	
1987/88	24,8	24,8	0,0	43,0	40,5	2,4	42,2	42,2	0,0	56,8	56,9	0,0	54,9	
1988/89	23,0	23,0	0,0	43,5	41,4	2,1	40,4	40,4	0,0	56,2	56,1	0,0	55,0	
1989/90	22,4	22,4	0,0	43,3	41,1	2,1	38,3	38,3	0,0	53,7	53,8	0,0	54,3	
1990/91	21,1	21,1	0,0	40,5	38,1	2,4	38,1	38,2	0,0	54,1	54,1	0,0	54,0	
1991/92	22,2	22,2	0,0	36,4	34,1	2,3	38,2	36,8	1,4	48,2	48,3	0,0	54,0	
1992/93	20,4	20,4	0,0	33,3	31,2	2,0	38,9	36,3	2,5	46,8	46,3	0,5	41,3	
1993/94	20,0	20,1	0,0	31,2	29,7	1,6	36,7	32,1	4,6	45,7	44,9	0,9	41,2	
1994/95	22,2	20,0	2,3	31,4	26,9	4,5	34,2	25,4	8,8	47,8	46,2	1,6	47,8	
1995/96	19,7	17,7	2,0	30,8	27,3	3,5	29,1	21,1	8,1	44,5	42,0	2,5	47,3	
1996/97	18,2	16,2	2,0	30,8	27,1	3,7	28,5	18,9	9,5	42,8	35,7	7,2	45,5	
1997/98	17,5	14,9	2,6	30,0	27,3	2,7	30,3	20,7	9,6	42,2	33,5	8,7	45,5	
1998/99	18,1	15,0	3,1	29,2	26,3	2,9	29,9	21,2	8,7	41,4	30,7	10,7	47,7	
1999/00	19,1	15,6	3,5	29,0	26,1	2,9	29,9	21,6	8,3	42,4	29,4	12,9	49,6	
2000/01	20,1	16,9	3,1	27,9	24,7	3,2	27,2	19,7	7,5	40,7	22,7	18,1	49,9	
2001/02	18,5	15,7	2,8	28,2	25,9	2,3	27,8	20,4	7,4	43,4	23,3	20,1	51,4	
2002/03	16,8	14,1	2,7	29,3	27,1	2,2	27,5	21,0	6,5	44,6	23,8	20,8	51,3	
2003/04	16,5	13,7	2,8	30,5	28,0	2,5	26,9	21,5	5,3	46,1	25,6	20,4	51,9	
2004/05	15,7	13,1	2,6	30,7	28,3	2,4	26,0	21,3	4,7	44,4	25,7	18,7	52,0	

Fonte: Tabelas 2.X, 2.XI e 2.XII

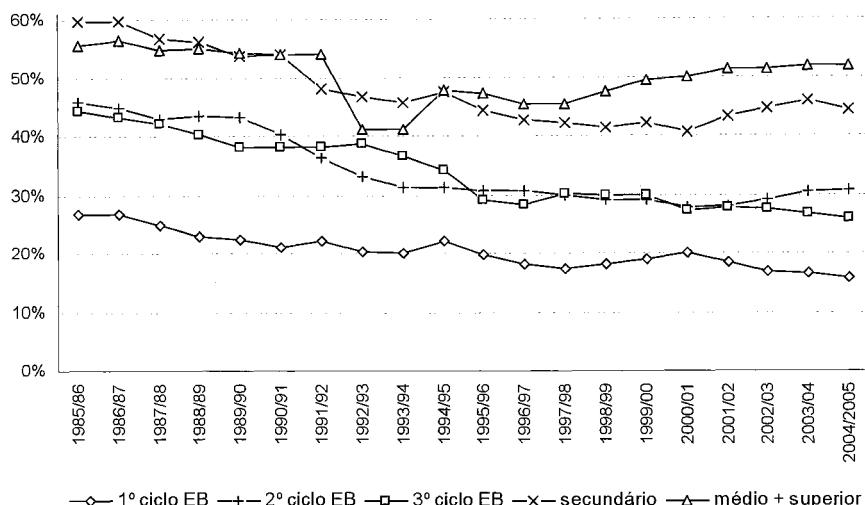
(1) IDE: Índice de Desvio Etário = $(TBE-TRE)/TBEx100$ (2) IP: Índice de Prolongamento = $(TBER-TRE)/TBEx100$

(3) IR: Índice de Recorrência = $(TBE-TBER)/TBEx100 = IDE-IP$

O índice de desvio etário conheceu reduções significativas através de todo o sistema ao longo dos 20 anos observados, com excepção do Ensino Superior. Nos restantes níveis de ensino, a redução das proporções de alunos matriculados em idade diferente da normal cifrou-se entre 11 por cento no 1º ciclo do Ensino Básico (onde à partida essa proporção era mais baixa, pouco mais de um quarto dos alunos matriculados) e 18 por cento no 3º ciclo, onde era à partida de 44 por cento. O 2º ciclo, com um IDE à partida mais elevado (46 por cento), não o baixou tanto, ficando por uma redução

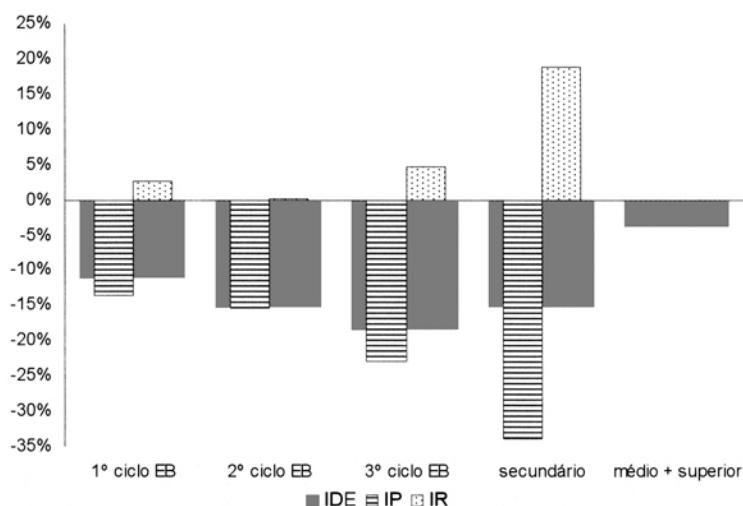
na ordem dos 15 por cento, e o secundário, que contava cerca de 60 por cento da população discente em idade diferente da normal em 1985/86, reduziu essa proporção em 16 por cento (Tabela 2.XII e Gráfico 2.16).

Gráfico 2.16
Índice de desvio etário segundo o nível de ensino
totais nacionais, 1985/86-2004/05



O gráfico 2.17 representa a decomposição dessa variação das proporções de desvio etário nos dois movimentos, o de prolongamento da frequência em regime regular para lá da idade normal (IP, que desceu em todos os ciclos) e o de frequência em regime não regular (IR, proporção que aumentou em todos os ciclos). A amplitude da descida do índice de prolongamento foi sempre superior à do aumento do índice de recorrência, determinando o sinal negativo da evolução do índice de desvio etário. Em todos os níveis de ensino e ciclos de estudos para que dispomos de informação, atenuou-se o prolongamento da frequência no regime regular em idade superior à normal.

Gráfico 2.17
Variação dos índices de desvio etário, de permanência e de
recorrência segundo o nível de ensino
totais nacionais, 1985/86-2004/05



O aumento da proporção de matriculados em regime nocturno ou recorrente, por seu turno, foi muito baixo em quase todos os ciclos, sobretudo tendo em conta que os seus valores eram à partida nulos, ou perto disso. Pese embora o persistente défice de qualificação da população portuguesa em idade activa, o ensino recorrente esteve longe de conhecer a expansão que requeriam os seus objectivos expressos. Com efeito, o ensino recorrente, definido pelo artigo 20º da Lei de Bases do Sistema Educativo em 1986, mas cujo enquadramento legal na organização e desenvolvimento da educação de adultos só foi estabelecido em 1991,⁹ "corresponde à vertente da educação de adultos que, de uma forma organizada e segundo um plano de estudo, conduz à obtenção de um grau e à atribuição de um diploma ou certificado, equivalentes aos conferidos pelo ensino regular"; correspondendo ao objectivo de assegurar "uma nova oportunidade de acesso à escolaridade aos que dela não usufruiram na idade própria, aos que abandonaram precocemente o sistema educativo e aos que o procuram

⁹ Decreto-Lei 74/91 de 9 de Fevereiro.

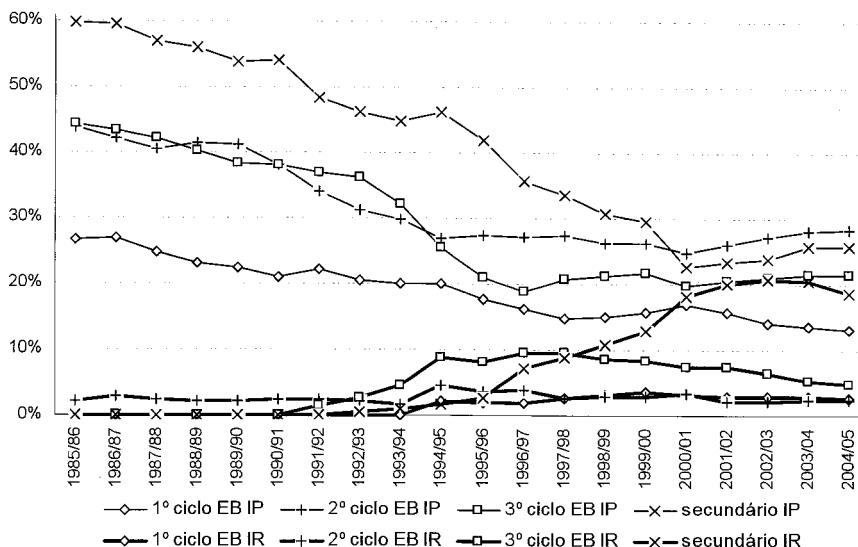
*por razões de promoção cultural ou profissional"; o seu público-alvo é assim definido como sendo constituído por "**adultos que abandonaram precocemente o sistema escolar e que a ele regressam anos mais tarde e, ainda, por jovens que deixaram, entre outros motivos por razões de ordem laboral, os cursos diurnos, para ingressarem nos cursos nocturnos**".¹⁰ O facto de a principal excepção a esta tendência de estagnação do ensino recorrente se verificar no nível secundário, onde no fim do período o índice de recorrência rondava os 20 por cento, sugere que a implantação mais significativa deste regime acabou por praticamente se restringir ao prolongamento de estudos neste ciclo para lá da idade normal, eventual mas não necessariamente em acumulação com situações laborais – por outras palavras, por funcionar mais como um regime de prolongamento de frequência (mascarando situações que, em rigor, seriam contabilizáveis no IP) para o segundo tipo de público-alvo identificado no documento supra, do que como um regime de regresso aos estudos para os segmentos adultos atingidos pelo abandono e pela saída precoce, definidos como o seu público-alvo primário.*

O gráficos 2.16 (supra) e 2.18 mostram, respectivamente, a evolução ao longo do período do IDE e das suas duas componentes. Vemos que em todos os ciclos dos Ensinos Básico e Secundário a tendência de redução do IDE e do IP foi praticamente linear até meados a finais da década de 90, abrandando a partir daí. No 3º ciclo, destaca-se sobretudo a inflexão do IR, depois de ter chegado a rondar os 10 por cento na segunda metade da década de 90. Também o Ensino Secundário conheceu um recrudescimento acentuado da proporção de alunos em idade superior à normal desde 2000/01, neste caso totalmente explicado pelo aumento da proporção de alunos em situação de recorrência, levando a uma queda mais acentuada e mais longa do IP. No nível superior, de modo independente do ocorrido nos outros ciclos, o IDE retomou uma tendência claramente ascendente desde 1997/98, embora seja impossível aferir em que medida tal se deve ao prolongamento dos estudos para lá da idade de referência (tendo também em conta a crescente frequência de ciclos de formação pós-graduada) ou a um

¹⁰ <http://www.dgdc.min-edu.pt/ensinorecorrente/default.asp> (acedido em 18/11/2006)

aumento dos ingressos iniciais ou de reingressos de estudantes acima da idade normal, pela captação de novos públicos adultos.

Gráfico 2.18
Índices de prolongamento e de recorrência segundo o nível de ensino
totais nacionais, 1985/86-2004/05



A tabela 2.XIII apresenta a evolução da **taxa bruta de escolarização por sexo** segundo o nível de educação e o ciclo de estudos.

Entre os anos extremos da série, a taxa bruta de escolarização evolui ligeiramente no sentido da feminização no nível pré-escolar (crescendo 48 por cento para a população masculina e 49 por cento para a feminina), e mais acentuadamente no mesmo sentido no 1º ciclo (redução de 19 por cento para os rapazes e 14 por cento para as raparigas, talvez devido à redução das retenções e desistências, que penalizavam mais os rapazes) e nos níveis secundário (aumento de 59 por cento na população masculina e 68 por cento na feminina) e superior (36 por cento na população masculina e 50 por cento na feminina). No sentido inverso, mas sempre com diferenças relativamente pequenas, aumentou mais a taxa bruta de escolarização masculina no 2º ciclo (14 por cento para os rapazes e 11 por cento para as raparigas) e no 3º ciclo (39 por cento para os rapazes e 38 por cento para as

raparigas). Globalmente, podemos, assim, falar de uma feminização da população, assente sobretudo no significativo aumento da presença feminina nos níveis acima da escolaridade obrigatória (Tabela 2.XIII e Gráfico 2.19).

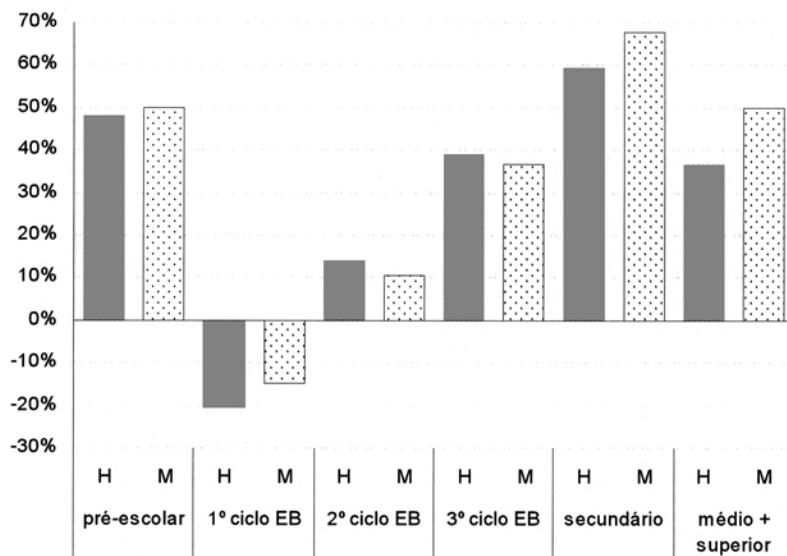
TABELA 2.XIII - TAXA BRUTA DE ESCOLARIZAÇÃO, SEGUNDO O NÍVEL DE EDUCAÇÃO/ENSINO E O SEXO, PÓR ANO LECTIVO
Dados nacionais, em percentagem

	Pré-Escolar		Básico								Secundário		Superior ⁽¹⁾	
			Total		1º Ciclo		2º Ciclo		3º Ciclo					
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
1985/86	29,4	29,2	110,2	107,4	139,9	132,6	115,0	109,5	71,6	75,8	40,2	48,0	12,5	14,6
1986/87	32,6	31,9	109,6	107,0	140,4	132,9	117,0	111,1	70,3	75,3	44,3	52,7	13,9	16,0
1987/88	36,1	36,1	110,1	108,0	136,3	129,6	121,4	115,4	74,6	80,0	50,6	59,1	14,5	17,0
1988/89	40,5	40,1	110,6	108,5	133,3	126,3	121,3	115,5	80,3	85,8	50,7	58,9	16,1	18,0
1989/90	45,3	43,9	112,4	110,4	132,2	125,3	125,5	118,4	84,4	90,7	56,2	65,5	18,0	22,5
1990/91	51,2	50,2	113,0	112,1	129,0	124,3	123,3	117,4	91,1	97,3	62,4	73,2	20,5	26,4
1991/92	54,9	52,9	114,2	121,8	131,7	125,2	124,8	121,7	91,6	121,2	67,1	88,4	23,9	30,2
1992/93	55,9	54,3	117,0	116,8	128,4	122,7	124,4	119,5	104,8	112,5	74,0	90,7	26,1	34,2
1993/94	57,2	55,8	120,1	118,2	128,1	121,9	130,6	124,7	111,8	116,4	84,3	97,1	28,4	38,4
1994/95	57,6	54,8	118,7	116,1	131,2	125,9	126,6	121,7	117,1	119,7	92,3	105,1	30,9	41,3
1995/96	59,2	56,7	117,2	114,2	127,2	121,7	131,4	122,6	112,9	115,1	99,5	112,9	33,2	44,2
1996/97	61,4	60,8	116,5	113,3	124,0	120,4	133,3	124,2	114,0	116,6	98,3	109,8	36,4	49,7
1997/98	68,1	66,5	116,3	113,4	122,3	120,0	129,1	119,9	117,7	119,7	95,7	109,2	38,2	52,2
1998/99	69,3	71,4	116,9	114,2	122,6	121,5	129,0	121,1	118,0	120,4	93,9	106,6	39,9	51,9
1999/00	72,4	74,3	117,4	114,5	124,0	123,2	127,3	118,9	118,6	120,7	95,5	109,0	42,3	56,5
2000/01	75,1	76,2	118,1	114,6	126,5	123,7	124,7	116,5	118,0	120,5	97,0	114,3	44,2	60,2
2001/02	77,1	77,2	116,6	113,2	124,1	121,2	123,8	115,7	115,8	117,8	97,5	113,6	45,8	62,7
2002/03	76,6	78,1	115,2	112,7	120,9	119,4	127,0	118,2	112,4	115,3	97,4	115,7	47,6	64,1
2003/04	77,3	78,5	115,6	112,4	121,1	118,2	129,4	120,5	110,9	113,4	99,6	115,7	49,0	64,8
2004/05	77,5	79,1	115,0	112,2	119,2	117,9	129,0	120,1	110,6	112,3	99,7	115,9	49,3	64,4

Fonte: GIASE (2006a)

(1) De 1985/86 a 1987/88 inclui os alunos do Ensino Médio

Gráfico 2.19
Variação da taxa bruta de escolarização por sexo segundo o nível de educação
totais nacionais, 1985/86-2004/05

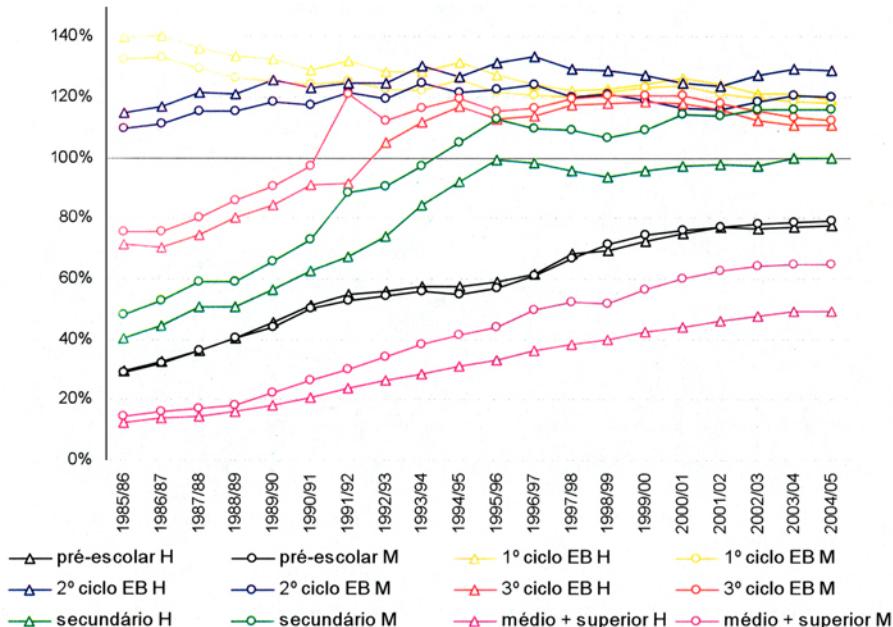


As evoluções da taxa bruta de escolarização para ambos os sexos acompanham, evidentemente, as tendências já apontadas para a evolução da taxa total (Gráfico 2.20). Concentrando-nos nas diferenças por sexo, vemos que a taxa bruta no nível pré-escolar revela uma cobertura progressivamente maior a favor do sexo masculino até meados dos anos 90, após o que a tendência se inverteu e atingiu uma ligeiramente maior cobertura feminina desde 1998/99, vindo o crescimento ulterior deste nível de educação a processar-se mais pelo aumento da população feminina.

Nos dois primeiros ciclos da escolaridade obrigatória, a taxa bruta de escolarização feminina foi sempre inferior à masculina. Muito semelhantes entre os dois ciclos até 1994/95, as diferenças entre os sexos divergiram em sentidos opostos desde então. Reduziram-se no 1º ciclo (mercê de uma mais acentuada descida da taxa masculina, o que neste nível, com uma taxa real de escolarização de 100 por cento ao longo de todo o período, indicava uma maior redução relativa do insucesso escolar entre os rapazes neste ciclo) e aumentaram no 2º ciclo (com uma taxa real de escolarização estabilizada

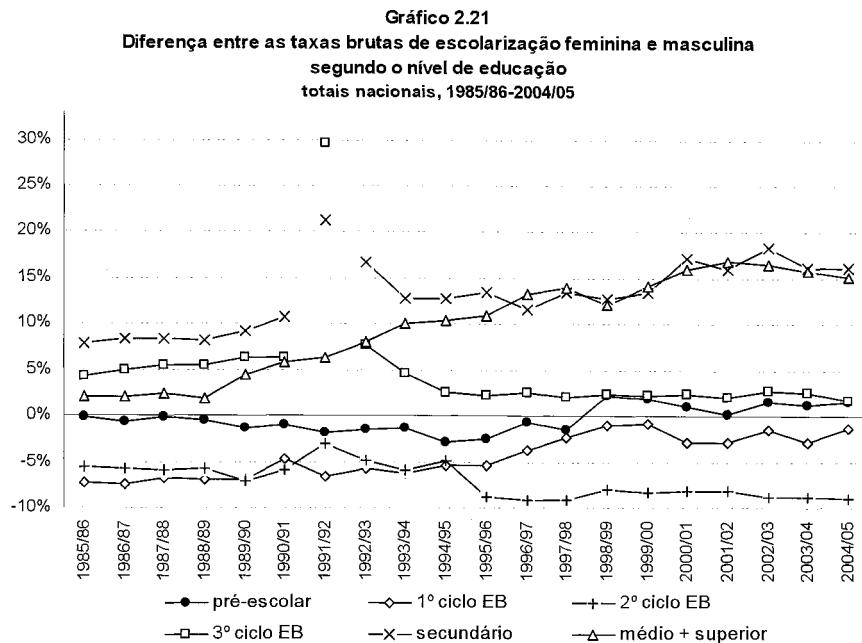
ligeiramente abaixo dos 90 por cento desde 1993/94, aponta pelo contrário para um aumento relativo do insucesso escolar entre os rapazes no 2º ciclo).

Gráfico 2.20
Taxa bruta de escolarização segundo o nível de educação e o sexo
totais nacionais, 1985/86-2004/05



Pelo contrário, no 3º ciclo, cuja progressão de cobertura da população na idade normal foi mais lenta, estabilizando a taxa real de escolarização entre 82 e 84 por cento a partir de 1997/98, houve sempre uma maior taxa bruta feminina, reduzindo-se embora a diferença a partir de 1992/93.¹¹ Finalmente, a tendência para a feminização dos dois níveis acima da escolaridade obrigatória, partindo de diferenças ainda relativamente pequenas em 1985/86, é patente no nível secundário ao longo de todo o período, e no superior a partir de 1988/89 (Gráfico 2.21).

¹¹ No 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, eliminámos os segmentos das curvas das diferenças e da taxa de feminidez que incluem o ano de 1991/92, devido ao que aparenta ser uma oscilação espúria dos dados sobre a população feminina no apuramento estatístico desse ano lectivo.



Como resultado deste conjunto de evoluções, a população discente do conjunto do sistema feminizou-se, apresentando uma *taxa de feminidez* superior a 50 por cento desde o início dos anos 90, e em crescimento desde 1997/98. Desde que o 3º ciclo completou o seu crescimento de cobertura da população, por 1993/94, que a superioridade da população feminina assenta inteiramente nos níveis de escolaridade secundário e superior, por efeito composto da maior presença feminina nestes dois níveis (relativamente estável, entre 52 e 54 por cento, no secundário, e fortemente crescente no superior até 1993/94, oscilando a partir daí entre os 56 e os 57 por cento), e do aumento do peso relativo destes níveis no conjunto do sistema (Tabela 2.XIV e Gráfico 2.22).

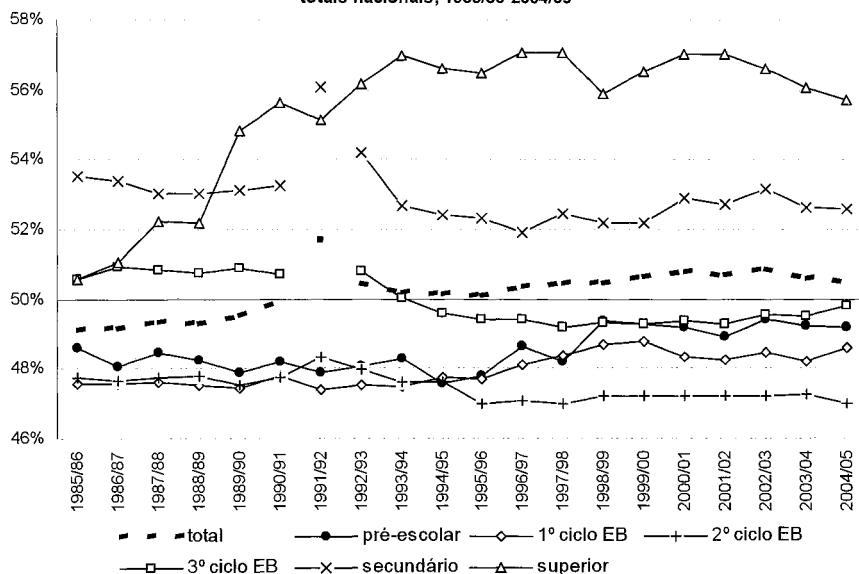
TABELA 2.XIV - TAXA DE FEMINIDADE, SEGUNDO O NÍVEL DE EDUCAÇÃO/ENSINO, POR ANO LECTIVO
dados nacionais, em percentagem

	Total	Pré-Escolar	Básico				Secundário	CET ⁽¹⁾	Médio	Superior
			Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo				
1985/86	49,1	48,6	48,3	47,6	47,8	50,6	53,5	--	91,6	50,6
1986/87	49,2	48,1	48,4	47,6	47,7	50,9	53,4	--	91,8	51,0
1987/88	49,3	48,5	48,5	47,6	47,7	50,9	52,9	--	92,2	52,2
1988/89	49,3	48,2	48,5	47,5	47,8	50,8	53,0	--	--	52,2
1989/90	49,6	47,9	48,5	47,4	47,5	50,9	53,1	--	--	54,8
1990/91	50,0	48,2	48,7	47,8	47,7	50,7	53,3	--	--	55,6
1991/92	51,7	47,9	50,5	47,4	48,3	56,0	56,1	--	--	55,1
1992/93	50,5	48,1	48,7	47,5	48,0	50,8	54,2	--	--	56,2
1993/94	50,2	48,3	48,4	47,5	47,6	50,1	52,7	--	--	57,0
1994/95	50,2	47,6	48,4	47,7	47,6	49,6	52,4	--	--	56,6
1995/96	50,1	47,8	48,2	47,7	47,0	49,4	52,3	--	--	56,5
1996/97	50,4	48,6	48,3	48,1	47,1	49,4	51,9	--	--	57,1
1997/98	50,5	48,2	48,3	48,4	47,0	49,2	52,4	--	--	57,0
1998/99	50,5	49,4	48,6	48,7	47,2	49,3	52,2	--	--	55,9
1999/00	50,6	49,3	48,6	48,8	47,2	49,3	52,2	--	--	56,5
2000/01	50,8	49,2	48,4	48,3	47,2	49,4	52,9	--	--	57,0
2001/02	50,7	48,9	48,3	48,2	47,2	49,3	52,7	--	--	57,0
2002/03	50,9	49,4	48,5	48,4	47,2	49,5	53,2	30,1	--	56,6
2003/04	50,6	49,2	48,4	48,2	47,3	49,5	52,6	32,0	--	56,1
2004/05	50,5	49,2	48,5	48,6	47,0	49,8	52,6	32,0	--	55,7

Fonte: GIASE (2006a)

(1) Cursos de Especialização Tecnológica

Gráfico 2.22
Taxa de feminidez segundo o nível de educação
totais nacionais, 1985/86-2004/05



A taxa bruta de escolarização no ensino regular, por sexo e nível de ensino, tem uma evolução muito semelhante à da taxa bruta total segundo as mesmas variáveis, acima descrita e comentada, pelo que não repetiremos o comentário (Tabela 2.XV).

TABELA 2.XV - TAXA BRUTA DE ESCOLARIZAÇÃO NO ENSINO REGULAR, SEGUNDO O NÍVEL DE EDUCAÇÃO/ENSINO E O SEXO, POR ANO LECTIVO
dados nacionais em percentagem

	Básico										Secundário	
	Total		1º Ciclo		2º Ciclo		3º Ciclo					
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
1985/86	110,2	107,4	139,9	132,6	111,9	107,7	71,6	75,8	40,2	48,0		
1986/87	109,6	107	140,4	132,9	113,0	108,4	70,3	75,3	44,3	52,7		
1987/88	110,1	108	136,3	129,6	118,1	112,8	74,6	80,0	50,7	59,1		
1988/89	110,6	108,5	133,3	126,3	118,5	113,2	80,3	85,8	50,7	58,9		
1989/90	112,4	110,4	132,2	125,3	122,6	116,1	84,4	90,7	56,3	65,5		
1990/91	113,0	112,1	129,0	124,3	120,1	114,9	91,1	97,3	62,4	73,2		
1991/92	114,2	121,8	131,7	125,2	121,7	119,3	90,1	119,6	67,1	88,4		
1992/93	117,0	116,8	128,4	122,7	121,4	117,6	101,9	109,8	73,6	90,3		
1993/94	120,1	118,2	128,1	121,9	128,3	122,9	106,5	111,4	83,5	96,3		
1994/95	118,7	116,1	128,9	122,2	121,1	115,9	106,3	109,8	90,6	103,5		
1995/96	117,2	114,2	125,0	118,8	127,0	118,4	102,9	106,7	96,8	110,3		
1996/97	116,5	113,3	122,2	117,3	129,0	118,8	102,9	105,8	90,3	102,9		
1997/98	116,3	113,4	120,4	115,5	125,9	116,5	105,7	109,1	86,5	100,5		
1998/99	116,9	114,2	120,1	116,4	125,6	117,4	107,9	109,7	83,0	96,1		
1999/00	117,4	114,5	121,0	117,4	123,7	115,2	108,9	110,6	82,4	95,6		
2000/01	118,1	114,6	123,9	118,4	121,2	112,1	109,1	111,6	78,7	94,5		
2001/02	116,6	113,2	121,8	116,6	121,2	112,7	107,2	109,3	77,0	91,7		
2002/03	115,2	112,7	118,7	115,0	124,5	115,3	104,9	108,1	75,9	92,9		
2003/04	115,6	112,4	118,9	113,7	126,4	117,3	104,7	107,6	78,0	93,3		
2004/05	115,0	112,2	117,3	113,6	126,3	116,9	105,1	107,4	80,0	95,3		

Fonte: GIASE (2006a)

A ausência da desagregação da taxa real de escolarização por sexo impede o cálculo dos índices de desvio etário e de prolongamento, que acima ensaiámos para a população total. Dispondo, contudo, das taxas brutas de escolarização (TBE) e de escolarização no Ensino Básico e Secundário regular (TBER) segundo o sexo, é possível calcular o *índice de recorrência segundo o sexo*, no Ensino Básico e Secundário. (Tabela 2.XVI e Gráfico 2.23)

TABELA 2.XVI - ÍNDICE DE RECORRÊNCIA⁽¹⁾ SEGUNDO O NÍVEL DE ENSINO E O SEXO, POR ANO LECTIVO

dados nacionais, em percentagem

	Básico								Secundário			
	1º Ciclo		2º Ciclo		3º Ciclo							
	H	M	H	M	H	M						
1985/86	0,0	0,0	2,7	1,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0		
1986/87	0,0	0,0	3,4	2,4	0,0	0,0	0,1	0,0				
1987/88	0,0	0,0	2,7	2,2	0,0	0,0	0,0	0,1				
1988/89	0,0	0,0	2,3	2,0	0,0	0,0	0,1	0,0				
1989/90	0,0	0,0	2,3	2,0	0,0	0,0	0,0	0,0				
1990/91	0,0	0,0	2,6	2,1	0,0	0,0	0,0	0,0				
1991/92	0,0	0,0	2,4	2,0	1,6	1,3	0,0	0,0				
1992/93	0,0	0,0	2,4	1,6	2,7	2,4	0,6	0,5				
1993/94	0,0	0,0	1,7	1,4	4,8	4,4	0,9	0,8				
1994/95	1,7	2,9	4,4	4,7	9,2	8,3	1,8	1,5				
1995/96	1,7	2,4	3,4	3,4	8,8	7,4	2,8	2,3				
1996/97	1,5	2,6	3,2	4,3	9,8	9,3	8,2	6,3				
1997/98	1,5	3,7	2,5	2,9	10,2	8,8	9,6	7,9				
1998/99	2,0	4,2	2,6	3,1	8,6	8,9	11,6	9,9				
1999/00	2,3	4,7	2,8	3,1	8,1	8,4	13,7	12,3				
2000/01	2,0	4,2	2,8	3,8	7,6	7,4	18,9	17,3				
2001/02	1,8	3,8	2,1	2,6	7,5	7,3	21,0	19,2				
2002/03	1,8	3,7	2,0	2,5	6,7	6,2	22,1	19,7				
2003/04	1,8	3,8	2,3	2,7	5,6	5,1	21,7	19,3				
2004/05	1,6	3,6	2,1	2,7	5,0	4,4	19,8	17,8				

Fonte: Tabelas 2.XIV e 2.XVI

(1) Índice de Recorrência: $IR = (TBE-TBER)/TBER \times 100$

Uma vez mais, a evolução do índice de recorrência segue muito de perto, em ambos os sexos, as tendências totais acima descritas, que não interessa repetir. Do ponto de vista das diferenças entre eles, importa notar que desde meados da década de 90 as mulheres tendem mais do que os homens a ingressar no ensino recorrente no 1º e, em menor grau, no 2º ciclo, enquanto o inverso se passa no 3º ciclo e, de modo mais claro e crescente, no nível secundário, conforme destaca o gráfico 2.24.

Gráfico 2.23
Índice de recorrência segundo o nível de ensino e o sexo
totais nacionais, 1985/86-2004/05

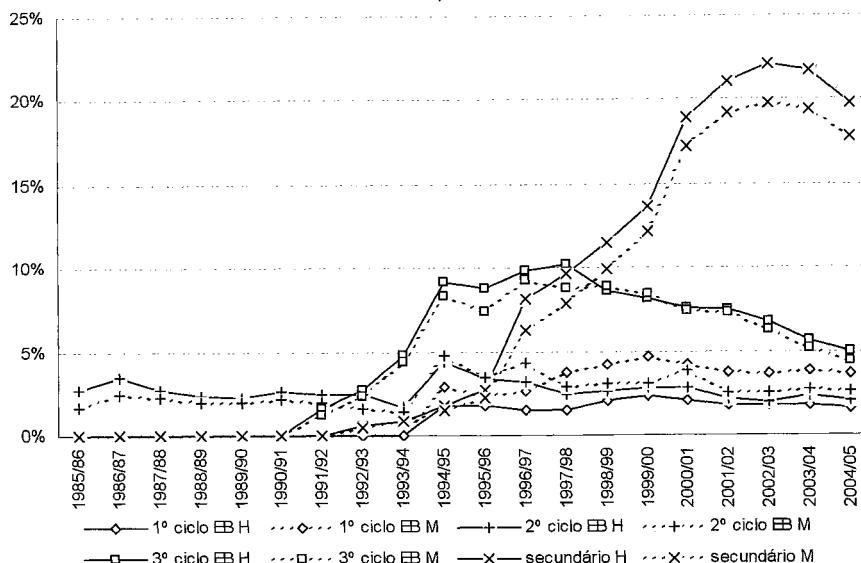
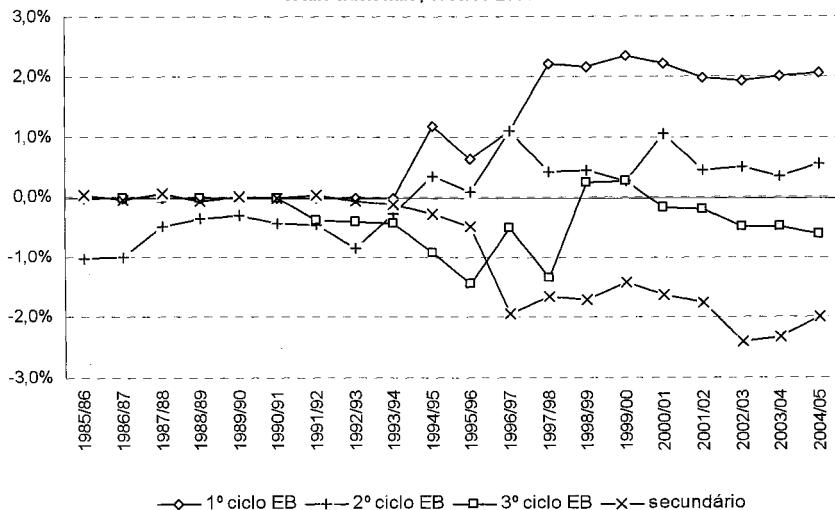


Gráfico 2.24
Diferença entre os índices de recorrência feminino e masculino segundo o nível de ensino
totais nacionais, 1985/86-2004/05



A partir de 1995/96, quanto mais baixo o nível de ensino, mais tendeu a ser frequentado por mulheres na modalidade de ensino nocturno ou recorrente. As propensões dos dois sexos para a frequência do ensino recorrente ou nocturno tendem a convergir nos níveis centrais (2º e 3º ciclos do Ensino Básico) e a divergir nos níveis extremos (1º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário). O regresso à escolarização nos níveis mais baixos por segmentos da população que a abandonaram precocemente é mais provável na população feminina, ao passo que o regresso aos estudos no nível secundário, ou o seu prolongamento transitando do regime regular para o nocturno ou recorrente, é crescentemente mais provável na população masculina.

A combinação destas diferenças na propensão a frequentar a modalidade de ensino nocturno ou recorrente, consoante o sexo e o nível de ensino, combina-se com as diferenças acima comentadas da taxa bruta de escolaridade segundo o sexo e o nível de ensino, produzindo diferentes taxas de feminidez entre os níveis básico e secundário. É patente a evolução mais acentuada da presença feminina no ensino recorrente ou nocturno no nível básico, cuja taxa de feminidez se elevou quase ininterruptamente de 39 por cento em 1985/86 para se fixar acima de 54 por cento desde 1998/99. É notório, por outro lado, que enquanto no nível secundário a taxa de feminidez no ensino nocturno ou recorrente acompanhou sempre por baixo a evolução da taxa de feminidez geral (convergindo um pouco desde 1988/99); no nível básico as evoluções foram divergentes. A taxa de feminidez cresceu sempre muito mais na modalidade nocturna ou recorrente, superiorizando-se à taxa de feminidez total a partir de 1996/97, ano em que também ultrapassou irreversivelmente o valor paritário de 50 por cento (Tabela 2.XVII e Gráfico 2.25).

Reeditam-se, portanto, neste indicador as diferenças de comportamentos por sexo e da sua evolução no interior do Sistema Educativo, que começámos por encontrar ao nível das taxas gerais de escolarização e nos índices de recorrência que delas derivámos, e que veremos adiante reflectidos nos padrões de aproveitamento, através das taxas de transição, de conclusão, e de diplomação no Ensino Superior.

TABELA 2.XVII - TAXA DE FEMINIDADE NA MODALIDADE DE ENSINO NOCTURNO OU RECORRENTE,
SEGUNDO O NÍVEL DE ENSINO, POR ANO LECTIVO
dados nacionais, em percentagem

	Básico	Secundário
1985/86	39,2	48,6
1986/87	42,6	48,6
1987/88	43,4	48,6
1988/89	44,1	48,8
1989/90	45,0	49,0
1990/91	45,5	49,3
1991/92	47,3	49,5
1992/93	45,2	48,5
1993/94	46,4	49,0
1994/95	49,6	48,0
1995/96	47,5	47,7
1996/97	51,4	46,6
1997/98	51,4	47,5
1998/99	54,5	48,3
1999/00	54,7	49,4
2000/01	54,9	50,6
2001/02	54,0	50,5
2002/03	54,0	50,3
2003/04	54,3	49,8
2004/05	55,1	50,1

Fonte: GIASE (2006a)

Gráfico 2.25
Taxa de feminideade total e na modalidade de ensino nocturno ou recorrente
segundo o nível de ensino
totais nacionais 1985/86-2004/05

